

MARCOS PAULO DE PASSOS

POR UMA OUTRA PEDAGOGIA DA INFORMAÇÃO:
contribuições da semiótica aos estudos de apropriação cultural

Relatório de atividades de Pós-Doutorado (Processo 5108) realizadas pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, São Paulo.

Supervisor: Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida.

Marília, SP

2025

SUMÁRIO

1. Introdução.....	03
2. Estudos de usuários da informação: notas gerais.....	03
3. Mediação cultural: constituição e elementos essenciais	06
4. Apropriação cultural: elementos conceituais.....	13
4.1 Apropriação como subjetivação.....	14
4.2 Apropriação como ressignificação.....	15
4.3 Apropriação como identificação.....	15
4.4 Apropriação como representação simbólica.....	16
4.5 Apropriação como construção de sentido.....	16
4.6 Apropriação como processo comunicativo.....	17
4.7 Apropriação cultural e dispositivos culturais.....	19
4.8 Expropriação cultural.....	21
4.9 Apropriação simbólica.....	22
5 Semiótica: notas introdutórias.....	22
5.1. Semiótica e apropriação cultural: aproximações (considerações parciais)...	29
6. Referências.....	33
7. Atividades realizadas no pós-doutorado.....	38
7.1 Participação no grupo de pesquisas Fundamentos Teóricos da Informação. .	38
7.1.1 Agenda 2024.....	38
7.1.2 Agenda 2025.....	39
7.2 Produção científica.....	40
7.3 Participação em bancas.....	41
7.4 Disciplina ministrada no PPGCI (UNESP).....	41
7.5 Parecerista ad hoc (eventos e revistas da área).....	42
8 Considerações gerais sobre o pós-doutorado.....	42
8.1 Da mobilização e do interesse pessoal.....	42
8.2 Das reuniões com supervisor.....	43
8.3 Da continuidade da pesquisa.....	43

1. Introdução

Estudos sobre as *pedagogias informacionais* e as *aprendizagens informacionais* contemporâneas se inscrevem em categoria mais amplas de pesquisas no campo da Ciência da Informação, qual seja, da “mediação” (Rambaldi, 1988; Jeanneret, 2005; Davallon, 2003; Perrotti; Pieruccini, 2008; 2014; Martins, 2018). A revisão de literatura busca abordar conceitos implicados na mediação e correlacionados, no quadro de pesquisas da ciência da informação. Assim, abordagens concomitantes com a temática, tais como os “estudos de usuários” (Araújo, 2016), “mediação cultural”, “apropriação cultural” (Perrotti; Pieruccini, 2008; 2014) e “semiótica”, como processo da mediação (Almeida, 2009; 2012; Farias, 2019; Santaella, 2017) constituem objetos teóricos da pesquisa. Espera-se que, ao final, possamos colocar em perspectiva intersecções preliminares entre apropriação cultural (Perrotti; Pieruccini, 2008; Batista, 2018) e semiótica (Almeida, 2009; 2012).

2. Estudos de Usuários da Informação: notas gerais

Os “estudos de usuários” possuem larga tradição no campo da Biblioteconomia e remontam a pesquisas iniciadas nos Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940, depois Inglaterra, União Soviética e demais países (Araújo, 2016). No Brasil, os estudos de usuários começaram a ser realizados na década de 1970 e, a partir de 1982, passaram a compor os currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia (Araújo, 2016).

Não se pretende realizar uma revisão de literatura sobre as teorias precursoras de tais estudos, contudo, vale sinalizar que a “instrução bibliográfica”, a “educação de usuários” (1881) e os “serviços de referência” (1960) podem ser considerados como práticas que impulsionaram estudos e teorias mais sistemáticas sobre os chamados usuários da informação (Araújo, 2016) e os dispositivos culturais sobre a temática (Maury; Serres, 2010; Perrotti; Pieruccini, 2008; Caires, 2014).

De acordo com Araújo (2016), a literatura especializada do campo e o quadro histórico das pesquisas sobre os estudos de usuários da informação podem ser apresentados em três grandes modelos nos séculos XX e XXI:

1. “Estudos de uso”, com viés positivista, foi manifesto na década de 1930, com maior presença de pesquisas nas décadas de 1960 e 1970;

2. “Comportamento informacional”, firmado sob fundamentos cognitivos, surge no final da década de 1970, com projeção na década de 1980;
3. “Práticas informacionais”, com perspectiva construcionista e pragmatista, surge em meados da década de 1990.

Vale mencionarmos, primeiramente, que os “estudos de uso”, no conjunto, davam cobertura para compreensão de processos de usos de serviços de bibliotecas pelos usuários, depois pelos especialistas (cientistas) alocados em grandes centros e instituições de pesquisa, pertencentes à uma comunidade científica, com foco em serviços de informação científica e tecnológica, especialmente, comportamentos de busca. Nessa perspectiva, tais estudos de usos se caracterizavam como abordagem centrada nos sistemas, a partir de uma aproximação aos processos cognitivos, modelos mentais e representações dos sujeitos sobre os sistemas de informação (Araújo, 2016).

Os avanços das pesquisas culminaram com uma nova compreensão sobre estudos de natureza cognitiva e os pesquisadores do tema passaram a considerar o caráter ativo do usuário, considerando uma perspectiva situacional, com abordagem holística e tendência à utilização de metodologias qualitativas, além do entendimento da informação como algo construído (Araújo, 2016, p.5). Dessa maneira, o processo de comportamento informacional tem sua origem numa dada situação, conforme a seguinte hipótese: um estado anômalo de conhecimento, a percepção de uma lacuna no conhecimento, tomados como mecanismo ativador das ações de *busca por informação* em sistemas organizados dispostos para consulta. Os autores que assumiram tais prerrogativas entendiam este aspecto como elemento determinante do processo (Wilson, 1981; Dervin; Nilan, 1986). Acreditavam que assim era o processo de engajamento do sujeito no processo de busca, localização, seleção e uso da informação (Araújo, 2016).

Na década de 1990, abordagens como construcionismo, etnometodologia, interacionismo e pragmatismo passaram a ser modelos teóricos cada vez mais presentes nos estudos de usuários (Araújo, 2018). Nessa direção, surge o conceito de “*práticas informacionais*” (Savolainen, 1995), que diferentemente das anteriores, não seria nem *system-centered* (como são os estudos de uso da informação) nem *user-centered* (como são os estudos em comportamento informacional), mas sim *knowledge formation-centered*, “[...] sensível à percepção de como o usuário assume

distintas condições de sujeito conforme o contexto e, também, conforme a sua inserção social – interferindo, também ele, naquilo que é coletivo (Araújo, 2016, p. 05).

De acordo com Araújo (2018, p. 56), os estudos sobre práticas informacionais avançaram na compreensão da informação não como o preenchimento de uma lacuna cognitiva, nem um processo exclusivamente vivido da perspectiva individual, mas nos processos envolvidos com o uso da informação: imaginação, apropriação, questionamentos, tensionamentos. Além disso, que tais processos são vividos a partir de categorias construídas socialmente: os sujeitos agem diante de outros, em ações correferenciadas, e suas ações se dão em ligação com os contextos concretos em que acontecem.

Com relação aos três modelos apresentados como abordagens dos estudos de usuários da informação, cabe-nos sinalizar que não são excludentes, pelo contrário, complementares, na medida em que cada uma foi construída para identificar e estudar determinados aspectos da realidade (Araújo, 2016).

Nesse século, dentre outras abordagens de natureza sociocultural, destacam-se a “**análise de domínio**” e os “**estudos dos sujeitos**” como teorias contemporâneas da área, que se ocupam de estudos e pesquisas sobre as características de comunidades de interpretantes (Araújo, 2018).

A **análise de domínio** surge com a publicação do artigo “*Toward a new Horizon in information Science: domain analysis*”, no *Journal of american Society of information Science*, em 1995, de autoria de Hjørland e Albrechtsen. Trata-se de conceito central que se ocupa do estudo sobre “*comunidades discursivas*”, que procura “[...] identificar condições pelas quais o *conhecimento científico* se constrói e se socializa” (Guimarães, 2015, p. 15 citado por Araújo, 2018, p. 53).

De acordo com Araújo (2018, p. 53), sua contribuição fundamental é a compreensão de que não é um sujeito, isolado, que tem necessidades, modos de buscar e usar a informação, mas grupo de pessoas que desenvolve determinados padrões, em um tipo de situação ou atividade, que gera uma necessidade de informação, ou de que tipo de informação se deve necessitar em cada contexto, e assim sucessivamente. O autor sinaliza que as tendências contemporâneas de estudos sobre usuários da informação têm buscado analisar as necessidades de informação presentes nas atividades cotidianas dos sujeitos, principalmente relacionadas com as mudanças tecnológicas (Araújo, 2018, p. 56). No entanto, podemos notar estas quatro dimensões dos estudos de usuários da informação

articulados entre si e, de maneira geral, demonstram uma ancoragem na sua natureza instrumental, ainda que se ocupe dos sentidos e significados construídos por uma coletividade.

Na perspectiva de indicar os caminhos de pesquisa sobre sujeitos no campo da ciência da informação, Araújo (2018) aponta nos pressupostos dos “estudos sobre os sujeitos” os conceitos de “mediação da informação” e de “mediação cultural” como referenciais imprescindíveis nas tramas da construção do conhecimento. Interessamos a mediação cultural como conceito orientador, pois os pressupostos subsequentes – apropriação cultural e dispositivo cultural – são indissociáveis e abordam a problemática das *aprendizagens informacionais*, uma vez que um conjunto de elementos de diferentes ordens (material, relacional, semiológica) se interpõem e atuam nos processos de significação (Perrotti; Pieruccini, 2008).

Na perspectiva proposta nessa revisão, vale mencionar que concordamos com Almeida (2012) acerca da “mediação da informação”, conceito bastante explorado e difundido na ciência da informação, represente tanto uma “função social idealizada” quanto um “objeto de pesquisa” do campo. Concordamos com Davallon (2003) de que o conceito “mediação da informação” (Almeida Júnior, 2009; 2015), também se constitua como um domínio específico da “mediação dos saberes” (Davallon, 2003), vinculado aos aspectos sociais e semióticos da comunicação.

3. Mediação Cultural

De acordo com Rambaldi (1988) a noção de *mediação* implica diversos aspectos que envolvem o homem desde a natureza em que nasce a toda sua história e o meio em que vive. Consta no verbete da Enciclopédia Einaudi, que “[...] o homem como *indivíduo* só adquire um significado real após um desenvolvimento secular de mediações e o seu pressuposto real é o de ser sempre *membro* de uma comunidade. (Rambaldi, 1988, p.145). Desse modo, o homem permeado pelas **linguagens** é essencialmente **um ser em relação** e em **inter-relações**, nas quais **adquire e constrói significados, sociais e culturais**.

Segundo Méier e García (p. 37), o termo mediação apareceu pela primeira vez em um dicionário de língua portuguesa em 1670, e foi definido como “[...] o ato ou efeito de mediar, ato de servir de intermediário entre pessoas, grupos, partidos, a fim de dirimir divergências ou disputa”.

De acordo com os autores, o termo foi-se ampliando e ganhando diferentes sentidos. Em Filosofia, por exemplo, mediação é um processo criativo, mediante o qual se passa de um termo inicial a um termo final; em Psicologia, mediação é uma consequência de elos intermediários (estímulos e respostas) numa cadeia de ações, entre estímulo inicial e a resposta verbal no final do circuito.

Davallon (2003) nos sinaliza que em uma primeira abordagem sobre a noção de mediação, fala-se em termos jurídicos, acerca de uma regulação social entre pessoas que estão com um determinado conflito, ou que têm interesses divergentes e que buscam uma conciliação, um acordo (Davallon, 2003). Sob outra circunstância, no mesmo sentido, recobre aspectos do campo religioso ou sagrado, no afã da busca pelo estabelecimento de equilíbrio entre o mundo físico e mundo espiritual das pessoas, revividos nos ritos e celebrações (Jeanneret, 2005). Em ambos os casos, há intervenção de um “terceiro” que deverá atuar no processo de consensualidade dos envolvidos. Essa perspectiva da compreensão de mediação se caracteriza como **primeiro senso comum do termo** e primeiro sentido empregado socialmente (Davallon, 2003). Diante das perspectivas postas, Perrotti e Pieruccini sinalizam que a noção de mediação ocorra “[...] sempre no sentido de colocar em relação, aproximar, criar pontes entre elementos” (Perrotti; Pieruccini, 2008).

Nos estudos da linguagem, no campo da semântica histórica, que permitem a reconstituição dos sentidos que as palavras adquirem ao longo do tempo, o termo mediação foi definido sob três etapas, que são correspondentes ao seu desenvolvimento histórico e usos conflitivos:

(i) encontrar um ponto central entre dois opostos, como em muitos usos políticos; (ii) descrever a interação de conceitos ou forças opostas na totalidade a que supostamente pertençam ou de fato pertencem; (iii) descrever essa interação como substancial, com formas próprias, de modo que não seja um processo neutro de interação de formas separadas, mas um processo ativo no qual a forma de mediação altera as coisas mediadas, ou indica a natureza delas por sua própria natureza (Williams, 2007, p. 274).

O autor destaca que a terminologia tem papel importante na eterna luta pelo significado, “[...] fato ignorado por alguns estudiosos que não percebem que o significado é uma arena onde se registram os conflitos sociais” (Santos, 2013, p. 39). Os signos tomam, e veiculam, a forma de relações sociais em mudança, o que torna a “*aventura de conhecer*” uma maneira inédita, original e produtiva de aprender sobre a experiência pessoal e coletiva, mediante o “[...] reconhecimento das mudanças de

sentido das palavras, que se atualizam de modo ambivalente a cada momento, tornando vã e provisória a tentativa dos homens de eternizarem a experiência do vivido sob o signo da imutabilidade (Santos, 2013, p. 56).

Ao longo dos últimos anos, porém, a noção *de* mediação conheceu um sucesso sem precedentes (Davallon, 2003). Em que pese a *opacidade* que o termo carrega, que o faz transitar e ser empregado em diferentes áreas do conhecimento, a mediação como conceito operatório, designa, descreve ou analisa um processo específico; como categoria, trata da institucionalidade, tanto em dimensões políticas quanto sociológicas; como construção de hegemonias, é abordado através do encontro das culturas, da diversidade e da complexidade culturais; no contexto mediático ~~das tecnologias da informação e comunicação~~, procura fugir ao duplo determinismo técnico e social: a mediação é técnica "porque o instrumento utilizado estrutura a prática"; e social "porque os móveis, as formas de uso e o sentido acordado à prática se regeneram no corpo social" (Davallon, 2003, p. 7).

Mediação cultural, por sua vez, é formada por dois termos, um substantivo e um adjetivo. O primeiro, em comum com os diferentes campos em que é utilizado, refere-se ao ato de *intermediar relações* (Jeanneret, 2005, p.106); o adjetivo que o qualifica, restringe, particulariza, circunscreve ao domínio semiológico, distinguindo a "mediação cultural" de outras formas de mediação (política, econômica, social, religiosa, diplomática), com as quais mantém afinidades, mas ao mesmo tempo se diferencia (Perrotti; Pieruccini, 2014, p. 9). Nesse sentido, mediação cultural não evita a tensão, pelo contrário, busca confluir para que sua manifestação expressa, construtiva, tenha consideradas as assimetrias, permitindo-lhe tomar forma plural, constituir-se liberta e expansiva nos contextos nos quais se inscreva, concreta e simbolicamente.

Em um **nível funcional**, a mediação cultural visa aproximar públicos a obras (ou saberes), e sua ação consiste em construir uma interface entre esses dois universos: do público e do objeto cultural, com a finalidade de apropriação do segundo pelo primeiro (Davallon, 2003).

De forma semelhante, esta perspectiva foi tratada por Teixeira Coelho (1999) como um segundo momento histórico da ação cultural, no século XX, pensando no contexto de ambientes culturais institucionalizados. Nesse sentido, vale apontar que ação cultural se diferencia de ação educativa. De acordo com Teixeira Coelho (1989, p. 32) "[...] ação cultural tem sua fonte, seu campo e seus instrumentos na produção

simbólica de um grupo”; ação educativa, orienta-se pelo dirigismo e controle, sobretudo. A primeira, visa o êxtase criativo, a segunda, o reprime. Ambos os conceitos, porém, não deixam de cobrir práticas profissionais de mediadores, em contextos demarcados, tais como escolas, museus ou bibliotecas.

Herança das mais primevas épocas de nossa história, tais instituições constituíram-se como verdadeiras instâncias ou dispositivos de mediação que visaram, além do armazenamento, da organização, preservação do patrimônio cultural, científico e tecnológico produzido pela humanidade, a difusão, a transmissão e o acesso a informações e conhecimentos para segmentos mais amplos, também com o intuito de fomentar assimilação dos valores, e comportamentos das elites culturais dominantes, pelas massas populacionais (Almeida Júnior, 1997; Perrotti; Pieruccini, 2008). Nessa perspectiva, a mediação “[...] corresponde ao segundo senso comum (sentido secundário): “[...] da ação de servir de intermediário ou de ser o que serve de intermediário” (Davallon, 2003, p. 4).

Contudo, a mediação cultural não é apenas “[...] ação de servir de intermediário entre dois seres” (Lalande, 1993, p. 656); assim como não é somente “metáfora da passagem” e de “elos sociais” (Dufrêne; Gellereau, 2001). Além desses aspectos funcionais e instrumentais, **mediação é ação portadora de sentidos próprios** que estão em relação com sentidos incrustados tanto nos objetos, como nos sujeitos e seus respectivos contextos (Perrotti; Pieruccini, 2014).

Em outras palavras, a mediação não é somente um ato “funcional” ou de âmbito restrito; é também *discurso*, ato de produção de sentidos que se realiza no campo amplo e dinâmico da cultura (Perrotti; Pieruccini, 2014). Nesse sentido, a mediação cultural, “[...] passa antes pela relação do sujeito com o outro, por meio de uma ‘palavra’ que o engaje, porque ela se torna sensível em um mundo de referências compartilhadas”. O sentido não é concebido como [...] um enunciado programático, elaborado fora da experiência comum, mas como o resultado da **relação intersubjetiva**, isto é, de uma relação que se manifesta na confrontação e na troca entre as subjetividades” (Caune, 1999, p. 1).

Considerando as colocações apontadas, do ponto de vista histórico, a noção de mediação cultural irradia-se nos quadros de afirmação da cultura da informação (Le Deuff, 2009) que caracteriza nossa época, a partir, especialmente, do período do pós-guerra.

Assim, temos que historicamente, a incorporação da categoria mediação no âmbito do aparato teórico-conceitual empregado pela Ciência da Informação, pontualmente, está ligada às transformações sociais ocorridas a partir da década de 1970 nas sociedades ocidentais, que tiveram como contexto geral uma reorganização do sistema capitalista e suas consequentes implicações na vida social, cultural e política (Martins, 2018).

De acordo com Martins (2018) este cenário foi o pano de fundo de reorientações teóricas paradigmáticas no campo das Ciências Sociais, a partir do qual a noção de mediação/ mediações começava a fertilizar e a ser utilizada de modo mais sistemático, observado na perspectiva crítica e multidisciplinar dos Estudos Culturais, na teoria da mediação social de Martin-Serrano e nos estudos de recepção da América Latina.

Nesse contexto, na Ciência da Informação brasileira, a mediação começa a circular a partir da década de 1980, tanto para a defesa do caráter público e democrático das bibliotecas quanto para compreensão das novas relações informacionais entre Estado e sociedade civil. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação marcam-se, neste momento, por uma preocupação crescente em apreender o “fenômeno” ou “objeto informacional” a partir dos contextos históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais e, ao mesmo tempo, em dar respostas operacionais ao “imperativo tecnológico” que adivinha —segundo discursos que reverberavam as necessidades do capital e ganhavam força no campo à época - com as novas mídias e tecnologias de comunicação (Freitas, 2001), responsáveis por instaurar “novas mediações” na produção, organização e acesso aos registros informacionais (Martins, 2018).

Nesse aspecto, dadas as características do contemporâneo, marcadas acintosamente pelas tecnologias de informação e comunicação, que redefiniram práticas sociais e culturais “do agora”, colocam-se em questão concepções clássicas encerradas em relações e termos como público/privado, subjetivo/objetivo, pessoal/impessoal, identidade/alteridade, autonomia/heteronomia, dentre outras, que implicaram, inclusive, a necessária distinção entre *mediação* e *mediatização* (Peraya, 1999). O primeiro termo coloca em pauta instâncias semióticas e relacionais; o segundo, acrescenta a estas a instância tecnológica que marca nossa época (Pieruccini, 2004, p. 37).

Com relação a consolidação definitiva e integração da categoria mediação à terminologia do campo, na América Latina, resultou também da ampla recepção que teve a “teoria das mediações” de Martín-Barbero, que em 1987 propôs deslocar o foco do pensamento sobre as relações operadas entre comunicação, ideologia e hegemonia (que orientava o pensamento sobre as indústrias culturais) “dos meios às mediações” (Martins, 2018).

Conforme assinala a autora, a categoria, que também não goza de sentido na teoria do autor, foi utilizada, de maneira geral, como modo de evidenciar “as articulações entre as práticas de comunicação e movimentos sociais, as diferentes temporalidades e a pluralidade de matrizes culturais” (Martín-Barbero e Barcelos, 2000, p. 161) e demarcar que entre a emissão e a recepção ou “entre estímulo e resposta” há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, ritualidades, memórias, tudo o que configura a cultura cotidiana” (Martín-Barbero, 1997, p. 262 citado por Martins, 2018).

A influência de Martín-Barbero contribuiu para sedimentar uma compreensão da mediação como relacionada ao “ato constitutivo dos processos de construção de sentidos e instância produtora de significação” (Perrotti; Pieruccini, 2014, p.19). Assim, pode-se afirmar que a partir de Martín-Barbero, a mediação se converte definitivamente, no campo da informação, em uma categoria intrinsecamente vinculada aos processos de significação e ressignificação da informação, de produção social dos sentidos e à compreensão epistemológica da informação e da comunicação a partir da cultura (Martins, 2018, p. 137).

Assim, entende-se que se a mediação é categoria intrínseca a qualquer processo cultural, nem sempre sua importância foi destacada e compreendida em sua *essencialidade*. De acordo com Perrotti e Pieruccini (2014), nas hermenêuticas de bases idealistas, assim como nas funcionalistas, a mediação tendeu a ser vista como elemento espúrio e, em decorrência, foi reduzida a “apoio”, “instrumento”, colocada num papel meramente funcional, instrumental, nos processos de significação (Perrotti; Pieruccini, 2014), sobretudo no quadro dos dispositivos formativos e culturais; sobretudo, presentes e recorrentes nas abordagens da *information literacy*, estudos de usuários, educação para informação (Perrotti; Pieruccini, 2008; Passos, 2018).

Conceitos articulados à mediação cultural, conforme esta pesquisa, apropriação cultural e dispositivos cultural formam uma tríade essencial aos pressupostos da infoeducação (Perrotti; Pieruccini, 2008).

Vale indicarmos que o quadro referencial da Infoeducação se diferencia de abordagens que se ocupam das *aprendizagens informacionais* e das muitas formulações que sustentam os pressupostos dados pela Educação de Usuários, pela Educação para a Informação e, especialmente, pela Information Literacy (Perrotti; Pieruccini, 2008).

De acordo com Perrotti e Pieruccini (2008, p.88), em primeiro lugar, a Infoeducação não secciona Informação e Educação. Assim, os dispositivos e as aprendizagens informacionais constituem partes de um todo articulado que está na base dos processos de significação e os fenômenos informacionais e educacionais não se separam, apesar de apresentarem autonomia e identidades próprias. Além disso, seus objetivos situam-se além de uma funcionalidade, do *savoir-faire* informacional. Nesse sentido, não se trata apenas do desenvolvimento de habilidades ou de competências informacionais, pois a Infoeducação as coloca num quadro amplo de interrogações que remete tanto ao questionamento dos conteúdos informacionais, como da própria Informação e seus dispositivos, em suas múltiplas interações e ângulos (Perrotti; Pieruccini, 2008).

Desse modo, as interrogações da Infoeducação dirigem-se não apenas aos modos de fazer, aos procedimentos implicados nos processos de apropriação simbólica, mas, sobretudo, dirigem-se às dinâmicas implicadas na construção das significações, aos sentidos da ordem cultural. Em suma, a infoeducação “[...] coloca os sujeitos em situação de protagonistas, de analistas conscientes das artimanhas do conhecimento, lançando-os, nas dimensões superiores do metaconhecimento (Perrotti; Pieruccini, 2008, p.88). Assim, não se trata somente de saber operar sistemas de informação, mas principalmente, saber operar reflexivamente, enfrentar desafios que exigem domínio dos modos de proceder e, sobretudo, as suas razões de ser, como condição de sobrevivência do pensamento no universo da informação (Perrotti, Pieruccini, 2008). Nesse sentido, fornece arcabouço para pensarmos aspectos semióticos implicados na mediação.

Nas próximas subseções procura-se indicar esses elementos complementares e refletir (em considerações finais) sobre as possíveis articulações e correlações com a **semiótica peirceana**, preliminarmente abordada aqui através de seus estudiosos.

4. Apropriação cultural: elementos conceituais

Conforme o dicionário etimológico, o termo *apropriação* tem origem latina (*appropriationem*) e significa “[...] apoderação, apoderamento, posse de alguma coisa, tornar alguma coisa sua, de sua propriedade” (Bueno, 1974, p. 301). Segmentando o termo, chegamos ao prefixo *a-*, em latim *ad-*, que, como preposição, significa “aproximação, direção para (geralmente com ideia de movimento)” (Faria, 1956, p. 28). Também há a raiz *próprio*, em latim *proprius*, que significa “[...] o que é propriedade de que pertence a, particular, especial, característico”; e também, “[...] permanente, duradouro, sólido, estável” (Faria, 1956, p. 781). O termo termina com o sufixo *-ação*, *-tionem* em latim, um pospositivo que, de acordo com o dicionário Houaiss (Houaiss; Villar; Franco, 2001), é formador de substantivos verbais de ação.

Batista (2018) assinala que *apropriação* é um termo utilizado em várias áreas do conhecimento; em razão disso, seus sentidos extrapolam os significados dados pela etimologia. Assim, a autora mostra que o termo, geralmente, é tomado como sinônimo de adaptação, assimilação, incorporação, interiorização e transmissão, e que tem uso corrente na Ciência da Informação em relação a diferentes situações: apropriação da informação, de bens culturais, de espaço, de dispositivos tecnológicos, dentre outros.

Ao consultar literatura especializada sobre a celeuma terminológica e conceitual implicada, Batista (2018, p. 212-13) imprime uma análise criteriosa, com o intuito de distingui-los de apropriação e, assim, indica-nos que

- **Adaptação:** tem como raiz o termo latino *aptare*, que significa “[...] acomodar, ajustar uma coisa à outra [...]”, em sentido próprio, e “[...] preparar, equipar, aparelhar, munir [...]”, em sentido figurado (Faria, 1956). Desse modo, o conceito de *adaptação* implica em ajuste, adequação;
- **Assimilação:** o termo tem origem latina e a raiz da palavra *similis* significa “[...] semelhante, parecido, feito à semelhança [...]” (Bueno, 1974, p. 390). Implica um movimento de algo diferente que se torna semelhante à outra coisa, passando, também, a ideia de aderência e de aceitação;
- **Incorporação:** a preposição *in-* tem como um de seus significados “[...] em, a, sobre; superposição; aproximação; transformação, no interior; valor intensivo, de movimento para dentro, de repouso, de permanência [...]” (Houaiss; Villar; Franco, 2001). A raiz latina (*corpus*) significa “[...] qualquer objeto material, substância, matéria, complexo, todo [...]” (Houaiss; Villar; Franco, 2001). O sufixo indica uma ação, um movimento de um corpo, uma matéria, para dentro de um outro corpo, no qual permanece em repouso.
- **Interiorização:** o prefixo *inter-*, de origem latina, em sentido próprio, significa “[...] entre, no meio de, no número de, junto de [...]” (Faria, 1956, p. 495); em latim, *interior* significa íntimo, recôndito. Dito de outro modo, interiorização seria

um processo de internalização, situação em que algo exterior é tornado íntimo e interno;

- **Transmissão:** implica sua “[...] articulação de conceitos às noções de parentesco, memória, patrimônio, registro significado” (Karol, 2004, p. 104). O prefixo *trans-*, de origem latina, significa “[...] além de, para o outro lado de [...]” (Faria, 1956, p. 977), e o sufixo remete a ação, movimento. Em latim, *transmissum* significa “[...] enviar de um lugar para outro.”

Em síntese, a semelhança fundamental entre todos os termos está na ideia de uma ação de *deslocamento de uma coisa à outra*, movimento em que o objeto deslocado permanece junto ao outro (Batista, 2018). No caso de *adaptação* e de *assimilação*, a ênfase está na transformação do objeto deslocado, num processo de adequação ao novo meio em que é integrado. Com relação à *incorporação* e *interiorização*, a ênfase está no ambiente de chegada do objeto deslocado: espaço interno de alguma coisa. Por fim, *transmissão* enfatiza o movimento em si, que até pode ser bilateral (Batista, 2018).

De forma distinta, portanto, a Batista (2018) indica que a *apropriação* se refere a um ato pelo qual o sujeito não se mantém passivo no contato com o objeto material ou simbólico, pelo contrário, passa por uma transformação (experiência) que o prepara para relacionar-se nova e ativamente com o objeto, num movimento *dialético* de desenvolvimento, seguindo estudos de Marx (1977), Leontiev (1978), Vygotsky (2008).

A autora aborda os termos e, respectivas noções correlacionadas como a *apropriação*: subjetivação, ressignificação, identificação, representação simbólica e como ato de construção de sentido (Batista, 2018). A revisão de literatura realizada por Batista (2018), nos fornece um arcabouço significativo para compreensão do conceito de *apropriação*. Aqui, em linhas gerais, apresentamos cada núcleo de forma sintética.

4.1 Apropriação como subjetivação

É constituída no processo sócio-histórico do sujeito. O processo implica vivenciamento e experiências decorrentes da transmissão cultural, reações psíquicas aos estímulos externos, contato material e subjetivo com objetos, interações, percepções, seletividade espontânea e consciente, e aprendizagens. Diante de uma dada situação, as experiências vividas são de natureza particular e intransferíveis, e os processos de significação se estabelecem a partir de repertórios culturais constituídos por cada sujeito. Nesse contexto, o “tornar seu” não significa “tomar posse” de alguma coisa, mas adquirir “seu modo próprio” de perceber e de lidar com

as coisas do mundo. Vale dizer que em meio a isso, no processo, apropriação pode resultar em alienação, em resistência ou em adequação.

4.2 Apropriação como ressignificação

De acordo com Batista (2018), a apropriação como ressignificação pode ser observada, sobretudo, no campo das artes plásticas, em razão de expressões que evocam a ideia de “deslocamento”, físico e temporal, provocado pelo contato com um objeto. Considerando que o artista é um criador, que parte de referenciais com os quais se identifica ou problematiza, assim como o espectador, o público, que pode ser afetado (tocado) por uma relação de fruição artística sensível, decorrente do contato com o objeto concreto ou suscitado (uma peça teatral, um movimento de dança, uma nota musical, um verso de poesia, uma recordação). Trata-se de um jogo de empréstimos no cerne da vivência que permitirá uma ressignificação da experiência sensível.

De acordo com Perez (2008 citada por Batista, 2018), a ideia de apropriação parte do princípio de que “[...] a cultura pertence à humanidade, que (re)constrói seu imaginário a partir de sua herança. Não se nega o passado, mas afirma-se uma suposta originalidade”. Assim, o artista cria a partir de fragmentos da memória artístico-cultural. Em síntese, a ressignificação nas artes, além do deslocamento, reconhece na autoria um processo de incorporação.

4.3 Apropriação como identificação

Decorrente do processo de apropriação do espaço, o sujeito ou o grupo estabelece uma relação de identidade e de pertencimento que transforma o ambiente em uma expressão de si. Nessa relação, tanto o sujeito pode pertencer ao espaço quanto o espaço pode, simbolicamente, pertencer ao sujeito. É uma relação de domínio afetivo do espaço, no qual são exercidos controle e posse simbólicos (Batista, 2018).

Ao estudar a apropriação de espaço por movimentos sociais, Ripoll (2004) afirma que há duas grandes formas de apropriação identitária do espaço: a integração de um lugar simbólico já existente (frequentemente já apropriado) na identidade do grupo; ou a produção por esse grupo de um novo lugar simbólico que lhe seja diretamente atribuído. Ripoll e Veschambre (2005) acreditam que o estágio de aprendizagem em que o indivíduo se familiariza com o lugar é concebido como uma internalização cognitiva: apropriar-se de um espaço significa adquirir conhecimentos te

óricos e práticos, saberes e saber-fazer que permitem o mover-se sem se perder, mas também o uso de maneira pertinente ou estratégica.

Conforme os autores abordados por Batista (2018), a apropriação simbólica /identitária de um lugar supõe sua prática concreta, regular e demonstrativa. Por outro lado, mesmo no processo de apropriação para uso exclusivo, o recurso ao simbólico é patente, numa busca de legitimação que a força e o direito não são suficientes para garantir. Além do controle, do domínio afetivo do espaço em razão da identificação, em termos geográficos, quando consideramos o território também há a noção de transmissão, de herança cultural.

4.4 Apropriação como representação simbólica

De acordo com Batista (2018), a apropriação como representação simbólica vincula-se ao contexto do consumo, associada ao prazer da posse, material ou simbólica do objeto. Conforme Brunel, Gallen e Roux (2009), por estar relacionado às emoções e à construção da identidade do possuidor, o consumo seria uma forma de “expressão de si” do sujeito. A relação de poder não ocorreria apenas na interação sujeito-objeto, mas também na interação sujeito-sujeito, pois o possuidor/consumidor constrói sua identidade em relação a outros que possuem (relação de identificação, de inclusão) e aos que não possuem (relação de distanciamento, de exclusão). Assim, seriam estabelecidas relações de poder, tanto por “ter” quanto por “ser”; ou mais bem colocado: acredita-se “ser” alguém por “ter” algo. É um processo de transformação subjetiva que parte da objetividade, da concretude, do objeto, que “empresta” ao sujeito a representação social e simbólica de suas propriedades. Dessa forma, no consumo, a apropriação tem um sentido de propriedade, de posse que empodera o sujeito, o qual se modifica, constrói sua identidade, por meio do consumo. É uma tomada de poder, de posse, tanto material quanto simbólica que transforma o sujeito (Batista, 2018)

4.5 Apropriação como construção de sentido

De acordo com Fischer (1983), do ponto de vista técnico, a apropriação significa a utilização funcional de um objeto, ela significa uma dominação instrumental: dizemos “eu fiz a ferramenta apropriada para”, isto é, o mais próprio, o mais apto.

Proulx (2002), por sua vez, destaca a dimensão social da apropriação em tecnologia. O autor questiona se uma “sociedade baseada no conhecimento” deve ser fundada pelo domínio da maioria de seus membros de uma cultura técnica específica

– a chamada “cultura digital” – constituída por redes, a necessidade de clareza sobre as condições específicas de uma apropriação individual e coletiva dessa cultura técnica deve tornar-se uma questão primordial para a organização da vida social. A apropriação construtiva da cultura no cotidiano dos usuários e das comunidades aparece como um elemento vital para a inclusão dos indivíduos das comunidades na “sociedade do conhecimento”.

Para Lemos (2001), a apropriação tem sempre uma dimensão técnica (o treinamento técnico, a destreza na utilização do objeto) e outra simbólica (a descarga subjetiva, o imaginário). Assim, de acordo com o autor, a apropriação é ao mesmo tempo uma forma de utilização, de aprendizagem e de domínio técnico, mas também uma forma de desvio em relação às instruções de uso, um espaço completado pelo usuário na lacuna não programada pelo produtor/inventor, ou mesmo pelas finalidades previstas inicialmente pelas instituições. Yahyaoui (2006) afirma que em termos de apropriação social de tecnologias, a problemática é articulada em torno das significações de uso para a compreensão da apropriação como um processo de criação de sentido, no e para o uso, em toda sua dimensão social.

No contexto tecnológico, portanto, a apropriação de ferramentas é um fato tanto individual quanto social e revela um processo de construção de sentido, resultado de reflexões críticas sobre experiências passadas. Contudo, o aspecto que merece maior atenção nesse processo é a capacidade de transformação recíproca na relação sujeito-objeto, ou seja, a potencialidade de o sujeito se transformar, modificando seu meio e suas relações, com o uso da ferramenta e de transformar a funcionalidade da ferramenta, atribuindo-a diferentes usos, de acordo com sua maneira de perceber e de estar no mundo (Batista, 2018).

4.6 Apropriação como Processo Comunicativo

Na abordagem de Batista (2018) a apropriação como processo comunicativo está implicada no conceito de apropriação como subjetivação. Contudo, entendemos que essa dimensão deva ser tomada como ponto independente, ainda que interrelacionado.

Assim, a comunicação é categoria indispensável no processo de apropriação pelos indivíduos dos conhecimentos adquiridos no decurso do desenvolvimento histórico da humanidade, pois para que haja a objetivação da cultura, o homem necessita da intermediação de outros homens - ou seja, necessita de mediação -, entrando em relação com os fenômenos circundantes num processo de comunicação

uns com os outros (Batista, 2018).

Gléonnec (2003) afirma que a apropriação é um processo comunicativo, que se baseia na relação entre o indivíduo e todos aqueles que ajudaram a dar forma, física e simbolicamente, ao objeto apropriado (uma tecnologia, um modo de organização do trabalho, uma conversa etc.). O autor considera que a apropriação, material ou simbólica, de um objeto é ao mesmo tempo alienação ao sistema que o produziu e a afirmação da identidade e da liberdade individuais. Em outras palavras, o indivíduo estrutura e é estruturado pelo sistema sociocultural do qual participa.

Segundo (Batista, 2018), Chartier (1995) e Ricoeur (1986) contribuem com o desenvolvimento conceitual do termo apropriação ao relacionarem-no à leitura e à interpretação. Para Chartier (1995, p. 184) a apropriação “[...] visa a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem”.

A compreensão de Ricoeur (1986) sobre apropriação está relacionada ao processo de interpretação de texto, que, segundo o autor, termina na própria interpretação do sujeito que passa a compreender-se melhor, se compreende de forma diferente, ou até mesmo começa a compreender-se. Para o autor, essa conclusão da inteligência do texto na inteligência de si caracteriza o tipo de filosofia reflexiva chamada “reflexão concreta”. O autor destaca, ainda, dois traços do termo apropriação: um que se refere à distância cultural e outro que trata da distância em relação ao sistema de valores sobre o qual o texto se estabelece. Nesse sentido, continua o autor, a interpretação “mais próxima”, “equaliza”, torna “contemporâneo” e “semelhante”, o que é verdadeiramente tornado *próprio*, o que a princípio era *estrangeiro* (Ricoeur, 1986, p. 171).

O processo interpretativo descrito por Ricoeur (1986), que descreve a compreensão do texto como a compreensão de si, está próximo ao conceito de assimilação, não uma assimilação entre sujeito e objeto, mas uma similaridade nos processos de conhecer, que são concomitantes. Outro aspecto relevante é que na concepção do autor, a apropriação é um processo de descolamento simbólico espacial, temporal e cultural com o propósito de tornar próximo. Nesse entendimento, o “tornar seu” tem uma conotação mais afetiva do que possessiva, pois remete à familiaridade. É um sentido próximo ao de interiorização.

Ao estudar a noção de apropriação, Serfaty-Garzon (2003) afirma que o objetivo da posse do objeto é de torná-lo próprio, ou seja, de adaptá-lo a si e,

assim, transformar essa coisa em suporte de expressão de si. A apropriação é, desse modo, ao mesmo tempo uma tomada do objeto e uma dinâmica de ação sobre o mundo material e social com uma intenção de construção do sujeito.

Diante do exposto, Batista (2018) aponta um processo de apropriação na qual a relação binária é rompida e resulta num processo em que a busca de sínteses resulta num processo dialético, em que um terceiro elemento, a síntese, surge da dicotomia de pares binários:

- (1) particular/coletivo; sujeito/mundo; individual/social => integração
- (2) sujeito/objeto ou subjetividade/objetividade => interação
- (3) material/simbólico => representação
- (4) passado/presente => compreensão
- (5) próprio/estrangeiro => familiarização
- (6) distinto/familiar => domesticação
- (7) distância/aproximação => deslocamento

Tais sínteses compõem um processo que é ao mesmo tempo informativo, comunicativo, educativo, cognitivo, social e cultural: o processo de apropriação, que proporciona ao sujeito a produção de si, a interpretação de si e a expressão de si. Nesse sentido, a apropriação é um processo no qual o sujeito “torna seu” um objeto do mundo, ajustando-o, moldando-o a si, atuando afirmativamente nos processos de negociação com os signos, com a cultura (Batista, 2018).

Assim, na apropriação está implicada uma relação dialética, segundo a qual o sujeito, face ao objeto, desenvolve habilidades para construir suas representações do mundo, e por meio dessas construções simbólicas, o objeto adquire significados que expressam e produzem a subjetividade do sujeito. Dizendo de outro modo: ocorre um processo de construção de subjetividade na relação com o objeto e também uma produção de objetos a partir da subjetividade do sujeito. Apropriação seria, assim, “produção”, “construção”, negociação entre sujeito e objeto, sujeito e mundo.

4.7 Apropriação Cultural e Dispositivos Culturais

De acordo com Araújo (2018), com relação aos estudos e pesquisas em mediação, as instituições, dispositivos, não são apenas artifícios de transferência de conteúdos informacionais, mas se constituem como verdadeiros dispositivos produtores de sentidos, tendo os usuários ou leitores como sujeitos implicados do processo. Nesse sentido, a **apropriação** converte-se numa categoria analítica

diretamente ligada à informação: contínuos processos de construções e apropriações, consolidações e resistências, nos quais atuam diferentes atores (Martelete, 2010).

Nesse sentido, a noção de mediação “[...] veio se transformando nos últimos anos, passando da ideia de transmissão unilinear, concebida nas teorias clássicas e alicerçada na figura de um mediador ou de uma mídia, a um processo onde intervêm diferentes agentes técnicos, sociais e culturais”, a partir de uma perspectiva precursora ligada ao conceito de cultura (Martelete; Couzinet, 2013, p. 3). Assim, na linha de estudos sobre mediação e apropriação desenvolvem-se pesquisas sobre suas implicações profissionais, socioculturais e sociotécnicas (Araújo, 2018).

A partir dos referenciais definidos pela Infoeducação (Perrotti; Pieruccini, 2008, p. 82) frisamos que a noção de “dispositivo cultural” aplicada à abordagem de ambientes como bibliotecas confirma a ideia de seu papel como instância de intervenção sobre o real, introduzindo compreensão que remete à [...] dinâmica de um objeto que é produzido e produz uma finalidade [...] sobretudo a uma dimensão axiológica essencial, que situa os dispositivos numa posição não meramente funcional ou instrumental, mas sobretudo *discursiva, ressaltando seu papel nos atos de significação, dada sua natureza de signo*.

Na abordagem mencionada a distinção entre as noções de “apropriação cultural” e de “assimilação cultural” é essencial para compreensão dos processos que atuam na formação subjetiva, interiorização e externalização do sujeito.

Em síntese, a noção de “apropriação cultural” se distingue da noção de “assimilação cultural” na medida em que esta “[...] é transformação que vai do diferente para o semelhante, do outro para o mesmo”, enquanto aquela, “[...] é transformação que vai no sentido do semelhante para o diferente, do mesmo para o outro” (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 73).

Em outros termos, a apropriação implica atuação e afirmação dos sujeitos nas dinâmicas de negociação de significados; representa “[...] transação de significados que diferencia e constitui os negociadores como sujeitos da cultura, protagonistas, cidadãos”. Sutil e profunda, tal distinção indica que uma atua na participação ativa dos processos de conhecimento enquanto outra para manutenção da passividade face à ordem estabelecida.

Dito de outro modo, “[...] apropriar-se é transformar o que se recebe em algo próprio, é produzir um ato de diferenciação, é atividade de invenção, produção de significados”. Nesse sentido, é importante salientarmos que “[...] múltiplos significados

e sentidos se produzem no processo de apropriação da cultura, na participação em práticas sociais e históricas” (Braga, 2010, p. 29). O que apreendemos e tornamos nosso (objeto, atividade, imagem etc.) se estabelece inicialmente em uma relação social e significativa. O que é internalizado é a significação da ação, não a ação ou os objetos em si mesmos, mas a significação que tem para as pessoas que emerge da relação (Braga, 2010, p. 29) – da mediação, portanto. Em suma, os estudos têm apontado que a essencialidade dos dispositivos culturais, considerados seus aspectos materiais e imateriais, a saber, a morfologia de seus elementos, as relações estabelecidas entre si e os significados de suas práticas, ultrapassam a dimensão residual da oferta de informação (difusão), bem como assumem papel pedagógico atuando de modo implícito e explícito na dinâmica de construção de saberes, permitindo aos sujeitos irem além do que somente a experiência pessoal/individual propiciaria.

4.8 Expropriação Cultural

O conceito de expropriação cultural é pouco tratado no campo da ciência da informação, portanto, entende-se necessária sua inclusão nos debates da apropriação cultural, uma vez que de certo modo, se caracteriza como aspecto presente nos processos de mediação. Para tanto, o trabalho de Santos (2013) nos apresenta a expropriação a partir das seguintes definições:

Jur. - s. f. 1. Ação ou resultado de expropriar; 2. Jur. Retirada definitiva e por meios legais de bens particulares da posse de seus proprietários; desapropriação; 3. Aquilo que se expropriou - [Pl.: -ções.], [F.: expropriar + -ção.]; (es.bu.lho) - s. CALDAS AULETE. m. 1. Jur. Ação de esbulhar, de usurpar alguém de coisa que tenha propriedade ou posse; 2. Aquilo que se esbulhou; [F.: Dev. de esbulhar.].

HOUAISS. Ato ou efeito de expropriar; 2. a coisa expropriada; 3. Rubrica: termo jurídico. Ato de privar o proprietário daquilo que lhe pertence.

No universo da cultura, *expropriação cultural* é uma forma de poder e de imposição cultural que consiste na perda de controle sobre os recursos e as decisões culturais próprios. Implica, em grau de menor intensidade, a *eliminação cultural* ou proibição de exercer certos âmbitos da cultura própria (Santos, 2013, p. 38)

No Brasil, a *expropriação cultural* foi operada por quem dominava saberes técnico-científicos à época dos empreendimentos coloniais; por quem entendia bem sobre a importância da memória e dos símbolos; a importância do *espaço* na comunicação e transmissão de memórias, noutras palavras: o valor de inculcar

imagens que desejamos em locais imaginários impressionantes [idealizados], explorando assim a associação de ideias, a dimensão simbólica das narrativas hegemônicas (Santos, 2013, p. 38). Nesse sentido, a imposição de códigos socioculturais faz parte dos arranjos de sistemas simbólicos, que se expressam em novas relações de poder, tendo o saber, o conhecimento e a informação, como um novo e poderoso instrumento (Santos, 2013, p 48). Assim, se a noção de propriedade constitui uma dimensão da expropriação, a apropriação, tomada como uma dinâmica de ação sobre o mundo material e social requer uma intenção de construção do sujeito que possa reivindicar seu direito. Para tanto, mediação, apropriação e dispositivos se amalgamam num processo que não se encerra no conflito, antes o põe em movimento.

4.9 Apropriação simbólica

Tanto o conceito sobre mediação cultural quanto o de apropriação cultural deixam vestígios sobre uma semiologia dos dispositivos técnicos e simbólicos. Nesse sentido, precisamos compreender a dinâmica da “formação dos signos”, ou das estruturas mediadoras entre sujeito e signo, sujeito e universo simbólico.

Nessa perspectiva, conclui-se que seria possível abrir uma página das discussões dentro da ciência da informação e discutirmos uma semiologia dos dispositivos, em seguida, uma semiologia das experiências significativas, processo fundamental que, muito mais do que aquisição de pacotes de informação, implica uma dinâmica relacional que congrega vários tipos de signos e que é fundamental para a formação dos saberes. Nesse sentido, estudos sobre a ciência dos signos se faz relevante.

5. Semiótica: notas introdutórias

De acordo com Almeida (2009), a semiótica moderna surge na primeira metade do século XX, nos países europeus, decorrente de movimento intelectual motivado por linguistas que buscavam sistematizar uma ciência da linguagem e estabelecer os conceitos principais para a sua fundação, portanto, esteve associada à Linguística moderna. Hoje, a teoria semiótica, ciência geral dos signos, e aos processos de significação na natureza e na cultura, perpassa diversas áreas do conhecimento como a Filosofia, a Fenomenologia, o Pragmatismo, a Comunicação, a Ciência da Informação, dentre outras. Deste modo, apresenta diferentes linhas de estudos e abordagens, como a estruturalista, hiperestruturalista, estruturalista e pós-

estruturalista, discursiva e narrativa, pragmatista, funcionalista, dos códigos, semiótica da cultura (Farias, 2019).

A semiótica peirceana divide-se em: lógica crítica, teoria das condições gerais de referência dos signos aos seus objetos (inferências lógicas); retórica especulativa, a relação dos símbolos e signos com seus interpretantes; gramática especulativa (mais difundida), a “doutrina das condições gerais dos símbolos e outros signos que têm o caráter significante” (Peirce, 1995, p. 29). De acordo com Santaella (2017) a semiótica tem três grandes ramos: Teoria Geral dos Signos (gramática especulativa); lógica crítica (abdução, indução e dedução); metodêutica, baseada na lógica crítica, que delineia “[...] as operações fundamentais que estão na base de toda variabilidade dos métodos nas ciências” (Santaella, 2017, p. 23).

De acordo com Santaella (1983) existem três grandes escolas de estudos sobre semiótica:

- a primeira teve início na extinta União Soviética relacionada inicialmente aos estudos sobre estruturalismo linguístico soviético, no século XIX;
- a segunda com base no estruturalismo linguístico francês (semiologia), nas primeiras décadas do século XX;
- a terceira com base nos estudos do norte-americano Charles Sanders Peirce, com influência dos princípios da Semiótica contemporânea, se caracteriza como a ciência dos signos.

Na literatura sobre o tema são recorrentes os esclarecimentos distintivos entre a semiologia e semiótica, especialmente a de extração peirceana (Barros; Café, 2012). Essa distinção nos permite compreender a natureza de estudos sobre o signo, de que ambas se ocupam.

Com base nos fundamentos da linguística geral (Saussure, 1975), a semiologia, difere tanto em seus fundamentos como em sua abordagem dos estudos do signo propostos por Peirce. Como extensão da linguística, Saussure denomina a semiologia como “[...] a ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social [...]” (Saussure, 1975, p. 24). A característica da semiologia de Saussure é dada por sua compreensão do signo a partir de uma relação diádica, bilateral, dicotômica indicados pelo *significante* (imagem acústica) e *significado* (conceito) (Farias, 2019). Nessa perspectiva, o elemento da realidade ao qual o signo se refere é externo a ele, portanto, não é considerado como parte do signo. Em suma, para Saussure (1975, p. 24), a língua é “um sistema de signos que exprime ideias”, uma estrutura de elementos

que constitui uma instituição social, na qual a Semiologia estaria encarregada de entender as leis que regem os signos, leis essas que seriam aplicáveis também à Linguística (Barros; Café, 2012). Ademais, para Saussure (1975) a Linguística seria uma parte dessa ciência que ainda estaria por existir.

Barros e Café (2012, p. 21) indicam que os estudos de Eco (1991) mostram que a definição de Saussure “[...] foi muito importante para desenvolver uma consciência semiótica, e que sua noção diática de signo antecipou as definições posteriores de função sýgnica”.

Nöth (2003) aponta que os dois termos – semiótica e semiologia – foram adotados, por um longo período e por diferentes autores, com significados ambíguos, sobrepostos ou divergentes (Barros; Café, 2012).

Em 1969, no entanto, a Associação Internacional de Semiótica decidiu adotar o termo Semiótica como a ciência mais geral que estuda todos os tipos de signos e os **processos de significação** ou semioses, ficando a Semiologia relacionada às concepções adotadas na Linguística estruturalista da escola francesa (Barros, Café, 2012). Nesse sentido, Santaella (1983), aponta que diferentemente da Linguística, que se dedica ao estudo do sistema sýgnico da linguagem verbal, a Semiótica considera qualquer fenômeno como um sistema sýgnico de **produção de sentido** (Barros; Café, 2012, p. 20).

A semiótica da escola francesa considera a relação **diádica** de significação, sobretudo dos processos de semiose humana e cultural, enquanto a escola peirceana considera todos os possíveis processos de semiose, inclusive naturais, em uma relação triádica.

De modo simplificado, para Peirce (1995) um *signo* ou *representamen* é algo que, sob certo aspecto, representa algo para alguém. Ou seja, para que algo seja um signo, é necessário que represente alguma outra coisa - seu objeto -, o signo dirige-se a alguém e cria na mente dessa pessoa outro signo equivalente, o interpretante.

Assim, para Peirce, o signo não se resume ao código verbal (viés estruturalista), mas a tudo que está presente na mente. Dito de outro modo, “em qualquer momento que tenhamos um pensamento, estará presente na consciência algum sentimento, imagem, concepção ou outra representação que serve como signo. Disso advém que aquilo que chamamos de consciência de “eu”, tem a natureza de signo (Santaella, 2017, p. 24). Além disso, signos são dialógicos e sociais por natureza, até mesmo quando externalizados, pois o pensamento ocorre em fluxos.

Considere-se, ainda, que *pensamentos-signos* que realmente importam são aqueles que são extrojetados e corporificados em signos materiais, tomando seu lugar na realidade e assumindo mais sua natureza social.

Assim como Aristóteles, Kant e outros estudiosos, Peirce desenvolveu categorias universais, que visam a englobar todo e qualquer fenômeno do mundo. De acordo com Santaella (2017) a semiótica peirceana pode ser representada sob três categorias puramente lógicas, pautas pela lógica monádica, diática e triádica: a primeiridade, secundidade e terceiridade, explicados em linhas gerais:

Primeiridade (contém a noção de quase-signo): constituída pelo acaso, indeterminação, vagueza, indefinição, possibilidade, originalidade irresponsável e livre, espontaneidade, frescor, potencialidade, presentidade, imediaticidade, qualidade, sentimento.

Secundidade (contém a noção de sin-signo): corresponde ao determinado, terminado, finalizado, objeto, necessitado, reativo, ligados às noções de relação, polaridade, negação, matéria, realidade, força bruta e cega, compulsão, ação-reação, esforço-resistência, aqui e agora, oposição, efeito, ocorrência, fato, vividez, conflito, surpresa, dúvida, resultado.

Terceiridade (contém a noção de signo genuíno): é o meio, o devir, o que está em desenvolvimento, diz respeito à generalidade, continuidade, crescimento, mediação, infinito, inteligência, lei, regularidade, aprendizagem, hábito, signo.

Em síntese, Santaella (1983) expõe que a primeiridade é a “qualidade de sentimento”, é a primeira forma vaga e imprecisa, uma impressão imediata e indeterminada de apreensão das coisas. A Secundidade, segundo Peirce (1995, p. 14), compreende um “sentido de resistência [da consciência], de um fato externo ou outra coisa”, uma ação cotidiana da consciência, reagindo em relação ao mundo (Santaella, 1983). Para Nöth (2003, p. 64), a secundidade é a categoria da comparação, da “realidade e da experiência no tempo e no espaço”. A Terceiridade é a “consciência sintética, reunindo tempo, sentido de aprendizado, pensamento” (Peirce, 1995, p. 14). Na categoria da terceiridade, por meio do pensamento, representamos e reconhecemos o mundo, assim, acontece a relação de um fenômeno segundo, ou seja, relativo a secundidade, a um fenômeno terceiro que ocorre na camada da inteligibilidade, no pensamento em signos (Nöth, 2003; Santaella, 1983).

Estas categorias constituem bases fundantes de toda obra filosófica de Peirce. A doutrina peirceana dos signos ou semiótica está inteiramente alicerçada nessas três categorias.

Extraída da fenomenologia, a forma mais simples de terceiridade é a noção de signo (Santaella, 2017, p. 25). Este se define como qualquer coisa de qualquer espécie que seja (uma palavra, um livro, uma biblioteca, uma pintura, um museu, um vídeo etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, é que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito que é chamado *interpretante do signo*.

Assim, o signo existe em uma relação triádica entre objeto, signo e interpretante. Ao reconhecimento do interpretante, relaciona-se outro signo, em um entendimento de significação que está sempre em expansão, em que o significado de um pensamento ou signo é reconhecido por outro pensamento ou signo, em um processo de semiose infinita ou autogeração. Dessa forma, a primeiridade, é um quase-signo, pois, ainda, não foi articuladamente pensado, representado.

As relações que Peirce (1995) estabelece i) conforme o signo em si mesmo, ii) do signo conforme a relação com seu objeto e iii) do signo conforme a relação com a representação do interpretante, considerando-se os conceitos de primeiridade, secundidade e terceiridade, resultaram nas três tricotomias do signo e nas dez classes de signos que, segundo o autor, podem sofrer ainda infinitas divisões.

Cada tricotomia confere aos tipos de signo características que instituem a forma como se estabelecem as relações no sistema sýgnico, especialmente em relação ao objeto. Dessa forma, os signos que estão para a primeiridade se relacionam ao seu objeto por meio das suas qualidades, da expressão de meras possibilidades (Peirce, 1972) ou no nível de raciocínio (rema), no máximo, uma hipótese (Santaella, 1993). Os signos que estão para a secundidade têm uma relação existente, concreta, com seu objeto. Já os signos que estão para a terceiridade, têm em si mesmos um comparecimento de lei. Assim, o argumento, tipo de maior complexidade de significação, “é um Signo que se entende representar seu Objeto em seu caráter de Signo” (Peirce, 1972), o argumento é um signo genuíno.

Signo é qualquer coisa que é de um tal modo determinada por outra coisa que é capaz de determinar um efeito sobre uma pessoa, efeito este chamado interpretante, sendo este último, por consequência, mediatamente determinado pelo primeiro (Nem, 886, p. 28)

Um signo intenta representar, em parte (pelo menos), um objeto que é, num certo sentido, a causa determinante do signo, mesmo que o signo o represente falsamente. Mas dizer que seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa forma, determina naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa é o objeto pode ser chamada de interpretante. (CP 6347)

À luz de tais definições pode-se constatar que palavras, frases, cláusulas, sentenças e conversações estendidas são signos, assim como são signos os poemas, ensaios, contos, romances, orações, dramas, operas, artigos de jornais, relatórios científicos e demonstrações matemáticas. Desse modo, um signo pode ser um elemento constituinte de um signo mais complexo, e todas as partes constituintes de um signo complexo são também signos. Por isso mesmo, a noção peirceana inclui imagens, livros inteiros, bibliotecas, sinais, comando, microscópios, representantes de um parlamento, concertos e *performances*, etc. (Santaella, 2017, p. 29).

Dentre as intersecções com a comunicação, em um nível básico, a semiótica pode ser revista sob alguns princípios: a) não há comunicação sem intercâmbio de algum tipo de conteúdo; b) todo conteúdo se expressa em uma mensagem, ou discurso, ou enunciado, etc.; c) toda mensagem se encarna em signos; d) não há intercâmbio de mensagens sem um canal de transporte (Santaella, 2017 p. 26).

Em um nível mais profundo, a semiótica é intrínseca na comunicação; e, antes de tudo, a semiose, como processo de interpretação, pois a ação do signo é a ação de ser interpretado em um outro signo, que é interpretado por outro, assim por diante, em permanente devir. A ação do signo, portanto, é uma ação triádica que implica sempre um objeto e um interpretante.

A concepção de semiose funciona, assim, como um modelo comunicacional abstrato, que tem início no *dictum* de que todo pensamento deve ser considerado como dialógico na sua forma, talvez aberto e ocorrendo dentro do pensamento de uma só pessoa. Dialogicidade não começa necessariamente, na comunicação entre emissores e receptores, mas no pensamento e cognição de cada um (Santaella, 2017, p. 27). Na comunicação, por exemplo, signo é a mensagem ou figura do enunciado; o emissor, objeto do signo; interpretante, o receptor.

De acordo com Farias (2019), outra linha interpretativa que envolve os estudos da semiótica é a semiótica da cultura. Um conceito norteador para a Semiótica da Cultura é a “Semiosfera”.

Lotman (1981) entende a semiosfera como um espaço em que se desenvolve os sistemas de signos da cultura. A semiosfera definida por Lotman se trata de um sistema autorreferencial. É uma descrição coerente da cultura no estágio em que cultura cria e é recriada pela cultura (Farias, 2018).

A semiótica da cultura, também conhecida por Semiótica Soviética, iniciou suas primeiras perspectivas de estudo na Escola de Tartu-Moscú, na Estônia, em meados da década de 1960. Desenvolveu as diversas reflexões sobre sistemas de signos: texto, códigos, linguagens etc. O desenvolvimento de pesquisas advindas dessa escola decorre “[...] do campo ter compartilhado diálogos com as diversas disciplinas e correntes semióticas” (Farias, 2019, p. 17). Essa perspectiva cultural dos signos nos sugere um aprofundamento das noções de linguagem e cultura, que estão além de perspectivas sociológicas e antropológicas, principalmente em temáticas que se caracterizam por sua dimensão sociocultural.

Na Semiótica da Cultura as linguagens são entendidas como sistemas de signos (Machado, 2007) e são expressas através de uma imagem, de um som, de um gesto, da palavra, de um monumento etc. As linguagens são dispositivos mediadores do texto produzido na cultura e, dessa maneira, correspondem ao contexto amplo da cultura, reconhecendo tanto a diversidade cultural quanto a diversidade linguística existente nas comunidades (Farias, 2019, p. 19)

Em suma, para Peirce todas as ideias e, inclusive, o homem, são fenômenos semióticos, ou seja, todos os fenômenos no mundo estão permeados de signos, constituindo, assim, o que Nöth (2003) chama de uma “visão pansemiótica do mundo”.

Como observado, o pensamento de Peirce não é antropocêntrico. A Filosofia e a Semiótica peirceanas não projetam o homem como o único ser dotado do poder de cognição – concepção própria dos cartesianos –, pois manifestações cognitivas, do ponto de vista peirceano, surgiram antes e estarão presentes depois da existência humana (Almeida, 2009, p. 231).

Em linhas gerais, a semiótica peirceana corresponde a um conjunto irrestrito de contribuições no sentido de teorizar sobre a vida dos signos, principalmente os signos produzidos no contexto social e humano. Compreensão legítima, tendo como pressuposto a Semiótica enquanto uma ciência do homem, porém restrita, de acordo com o pensamento peirceano. Signos não são exclusivos da mente humana; são produtos gerados por qualquer mente que aprende pela experiência. Com esse escopo, os animais e os outros organismos produzem e interpretam signos (Almeida,

2009, p. 225). Dessa maneira, semiótica é a doutrina dos signos que objetiva investigar os signos utilizados por uma inteligência que apreende pela experiência.

5.1. Semiótica e apropriação cultural: aproximações (considerações parciais)

Na área de Ciência da Informação, estudos sobre a “apropriação cultural”, como categoria, estão presentes no quadro reflexivo da “mediação cultural” (Davallon, 2003; Jeanneret, 2005; Perrotti; Pieruccini, 2014; Batista, 2018). Nesse sentido, aspectos da cultura, da linguagem, da comunicação, da interpretação, das representações, das mobilizações pessoais dos sujeitos e das relações com os dispositivos culturais e informacionais, se caracterizam e se inscrevem como componentes da dimensão sociocultural do campo. Nesse sentido, colocam-se em perspectiva as abordagens linguísticas, sociológicas, antropológicas, políticas que interessam à área como objeto de pesquisa. Diante do exposto, em caráter ensaístico, tecemos algumas “aproximações” entre a semiótica e a apropriação cultural.

Conforme os estudos de Saldanha (2011, p.58), apresentados por Farias (2019, p.14), postulados teóricos, de caráter humanista, têm ganhado adesão na Ciência da Informação, sobretudo, dos anos 1990 em diante. Podem ser citados os estudos de “Análise do Domínio”, de Hjørland & Albrechtsen, da “Antropologia da Informação”, de Marteleto, da “Cibersemiotica”, de Brier, além da “poli-representação” de Ingwersen. Ao procurarmos a correlação entre “apropriação cultural” e da “semiótica como processo da mediação” (Almeida, 2009; 2012), nos deparamos com diferentes linhas de pensamento semiótico: pragmatista estruturalista, hiperestruturalista, funcionalista, dos códigos, estruturalista e pós- estruturalista, discursiva e narrativa, semiótica da cultura (Farias, 2019), que nos apontaram diferentes rotas para adensamentos de pesquisa.

Nesse caminho, uma pluralidade de abordagens dos fenômenos socioculturais com o conhecimento, com a informação, bem como o contato com os meios de produção e de circulação, que impactam direta e indiretamente os sujeitos, seja no quadro presencial dos dispositivos culturais (bibliotecas), como relações estabelecidas ou possibilitadas por diferentes recursos e dispositivos de mediação da informação de nossa época, tais como móveis, e-mails, redes sociais, plataformação das aprendizagens ou das relações sociais, dentre outros.

Na semiótica da cultura, também chamada semiótica soviética, por exemplo, os

aspectos socioculturais - dos quais se ocupam, também, os estudos da apropriação cultural - pode constituir-se como campo profícuo para análise dos fenômenos identificados no contexto presencial ou arredores dos dispositivos culturais. Vale mencionarmos, também, que a linha pragmatista da semiótica, baseada em princípios fenomenológicos, lógicos e cognitivos, interessa-nos como abordagem, uma vez que um de seus fundamentos pressupõe que, além dos signos externos, as cognições, ideias, pensamentos e mesmo o homem como signos são interpretativos. Se correlacionarmos essas premissas com o caráter formativo que está implicado na apropriação cultural, via mediação por dispositivos culturais, seus paradigmas e formas de atuação, dentro uma concepção tecno-semio-pragmática (Pieruccini, 2004) e de constituição de saberes informacionais atitudinais (Passos, 2018), nos quais os aspectos conativos, cognitivos e emocionais são consideradas categorias primordiais da formação de atitudes dos sujeitos, temos aí aproximações entre a semiótica e a apropriação cultural, que prevê dentre muitos aspectos, a apropriação simbólica e o protagonismo cultural dos sujeitos, como indicado nos estudos da infoeducação (Perrotti; Pieruccini, 2008;2013; 2016), confirmados com nossas pesquisas anteriores (Passos, 2018).

Vale lembrar que o termo apropriação, geralmente, é tomado como sinônimo de “adaptação”, “assimilação”, “incorporação”, “interiorização” e “transmissão”. Já com os referenciais avançados em relação essas compreensões, temos apropriação como “subjetivação”, “ressignificação”, “identificação”, “representação simbólica”, como ato de construção de sentido e ato comunicativo (Batista, 2018).

Diante do exposto, podemos encadear algumas aproximações sobre os conceitos de adaptação, assimilação, incorporação que apresentam-se como características da primeiridade e secundidade, postulados por Peirce, uma vez que denotam espontaneidade, imediatismo, acaso, surpresa, assemelhando-se a condições passivas presentes nas tramas relacionais da significação.

Já, a apropriação, propriamente dita, estabelece correlações com aspectos presentes na secundidade e terceiridade. Assim, interações, percepções, seletividade espontânea e consciente, e aprendizagens estão no campo da mediação e da apropriação. Passam por um processo de tensionamentos, polaridades, continuidade, permanência, próprias do devir.

Nesse sentido, podemos assinalar que os conceitos semióticos peirceanos, sobretudo, a noção de signo triádico, e as categorias tricotômicas da primeiridade

(quali-signo), secundidade (sin-signo) e terceiridade (legi-signo) postas em relevo, apresentam elementos que estão implícitos no conceito de apropriação cultural, aspectos que possam ser explorados em nossos trabalhos posteriores, considerando que as categorias não são estágios estanques, apenas nos possibilitam estabelecer essas relações presentes na construção sógnica.

Apropriação, como vimos, implica um processo de descolamento simbólico espacial, temporal e cultural com o propósito de tornar próximo; trata-se de um processo que é ao mesmo tempo informativo, comunicativo, educativo, cognitivo, social e cultural, em suma, o processo de apropriação, proporciona ao sujeito a produção de si, a interpretação de si e a expressão de si, e em relação com o mundo. É interação sujeito-objeto, sujeito-sujeito. No que concerne as aprendizagens, adquirir conhecimentos teóricos e práticos, saberes e saber-fazer (domínio técnico), mas é também interpretar signos e identificar significados com os quais tenha contato. Nesse sentido, possui uma dimensão dialética, na qual o sujeito, face ao objeto, desenvolve habilidades para construir suas representações do mundo, e por meio dessas construções simbólicas, o objeto adquire significados que expressam e produzem a subjetividade do sujeito.

Acrescente-se, ainda, que podemos notar na composição relacional entre “mediação cultural - dispositivo cultural - apropriação cultural”, uma natureza triádica dinâmica (como signo), pois no conjunto – e singularmente – cada uma destas categorias assume o triádico peirceano “signo-objeto-interpretante”, uma vez que todo postulado dos conceitos enunciados revelam uma natureza dialógica, numa ação de deslocamento de uma coisa à outra indefinidamente provocada no sujeito da experiência.

Ao indicarmos como possíveis desdobramentos para pesquisas futuras, o adensamento da apropriação cultural em relação à semiótica da cultura (semiótica soviética) considerando a dimensão sociocultural que a baliza, entendemos, com Farias (2019) e Candido (2009; 2021) que esta perspectiva cultural dos signos nos sugere um aprofundamento das noções de linguagem e cultura, que estão além de perspectivas sociológicas e antropológicas, e que se encontram imbuídas em estudos da mediação cultural. Vale dizer, que na semiótica da cultura as linguagens são entendidas como sistemas de signos (Machado, 2007) e são expressas através de uma imagem, de um som, de um gesto, da palavra, de um monumento etc (Farias, 2019), acrescentemos a própria ergonomia de um dispositivo cultural, sua

representação enquanto estrutura e linguagem. Nesse sentido, explicitar que “as linguagens são dispositivos mediadores do texto produzido na cultura e, dessa maneira, correspondem ao contexto amplo da cultura, reconhecendo tanto a diversidade cultural quanto a diversidade linguística existente nas comunidades” (Farias, 2019, p. 19).

Caso, adentremos em estudos de semiótica funcionalista, ganhariam relevo as linguagens codificadas, sobretudo de natureza primária: códigos da criptografia (código binário, código morse, código postal etc.) ou até mesmo, classificatórios, como utilizados em sistemas de ordenação documentária ou informacional. Se optarmos pela semiótica pós-estruturalista, poderíamos pensar o desenvolvimento de coleções de um acervo de um dispositivo cultural, por exemplo, sob a égide de uma semiótica narrativa representadas pelo conjunto, intencionalidades sujantes e identificação.

No estudo de Farias (2019), a ênfase dada às concepções cultura e linguagem a partir da Semiótica da Cultura, além de outras que repertoriam a análise semiótica foram dirigidas ao contexto da Organização do Conhecimento, e mereceriam ser adensadas, mas da mesma forma, estudos da semiótica como processos da mediação, e da apropriação cultural, permanecem incipientes na Ciência da Informação.

6. Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, C.C. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, p. 1-18, 2012.
- ALMEIDA, C. C. **Peirce e a organização da informação**: contribuições teóricas da Semiótica e do Pragmatismo. Marília, 2009. 416 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2009.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. **Bibliotecas Públicas e bibliotecas alternativas**. EDUEL, 1997.
- ARAÚJO, C.A.A. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Inf. Pauta**, Fortaleza, CE, v. 1, n. 1, jan./jun. 2016.
- ARAÚJO, C.A.A. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- BARROS C.M.; CAFÉ, L.M.A. Estudos da semiótica na Ciência da Informação: relatos de interdisciplinaridades. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n.3, p.18-33, jul./set. 2012
- BATISTA, C. L. Os conceitos de apropriação: contribuições à Ciência da Informação. **Em questão**, UFRGS, v. 24, p. 210-234, 2018.
- BRAGA, E. S. Lev Vigotski - Principais Teses: A constituição social do desenvolvimento. **Educação**, São Paulo, v.2, p.20-29, 2010. (Coleção História da Pedagogia).
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. São Paulo: Zahar, 2010.
- BUENO, F. S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. Santos: Ed. Brasília, 1974. v. 1.
- BRUNEL, O.; GALLIN, C.; ROUX, D. **Le rôle de l'appropriation dans l'expérience de consommation alimentaire**: une analyse de blogs. Nantes: Institute d'Economie et de Management de Nantes, 2009.
- CAIRES, F. M. **Biblioteca na educação**: práticas colaborativas e apropriação cultural. 2014. 232f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CAUNE, J. La médiation culturelle: une construction du lien social. 1999. Disponível em: <http://lesenjeux.u-grenoble3.fr/2000/Caune/index.php>
- CHARTIER, R. "Cultura popular": revisando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.
- DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com**, n. 4, p.3-36, 2003. Disponível em: http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf.
- DUFRENE, B. GELLEREAU, M. La médiation culturelle: métaphore ou concept? Propositions de repères. In: CONGRÈS NATIONAL DES SCIENCES DE L'INFORMATION ET DE LA COMMUNICATION, 12, 2001. Paris: **Actes...** Paris: UNESCO, 2001. p. 233-240.
- ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FARIA, E. (Org.). **Dicionário escolar latino-português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

FREITAS, L. Na teia dos sentidos: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação. 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FARIAS, M. C. Q. da S. **Uma Semiótica da Cultura para Organização do Conhecimento: bases teóricas e diretrizes de análise**. Marília: 2019. 236f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2019.

FISCHER, G. N. **Le travail et son espace**: de l'appropriation à l'aménagement. Paris: Dunod, 1983.

GLÉONNEC, M. Communication et changement organisationnel: le concept de chaîne d'appropriation. In: COLLOQUE BILATÉRAL FRANCO-ROUMAIN, 10., 2003, Bucarest. **[Actes]**. Bucarest, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

GUIMARÃES, J. A. C. Análise de domínio como perspectiva metodológica em organização da informação. *Ciência da Informação*, v. 43, n. 1, jun. 2015. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1415/1593>

JEANNERET, Y. 2005. Médiation. Em Comissão Nationale Française, *La société de l'information: glossaire critique*. Paris: La Documentation Française, 2005. p.105-107.

LALANDE, André. Vocabulário técnico e crítico da Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LE DEUFF, O. *La culture de l'information en reformation*. 2009. 533 f. Tese (Doutorado) – Humanities and Social Sciences. Université Rennes 2, French. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/tel-00421928/document>

LEMOIS, A. Apropriação, desvio e despesa na cibercultura. **Famecos**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 44-56, ago. 2001.

LEONTIEV, A. **Desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LOTMAN, Y. N. et. al. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

MACHADO, I. **Escola de Semiótica: a experiência de Tartu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J.; BARCELOS, C. Comunicação e mediações culturais” [Entrevista]. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, vol. 23, núm. 1: 151-163, 2000.

MARX, K. **Economic and philosophic manuscripts of 1844**. Moscow: Progress Publishers, 1977.

MARTELETO, R. M. **Redes sociais, mediação e apropriação de informações**: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 3, p. 27-46, 2010.

MARTELETO, R.; COUZINET, V. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e

- empíricos a partir de olhares intercruzados. **RECIIS. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 7, n. 2, p. 1-16, 2013.
- MARTINS, A.A.L. Mediação: categoria lógica, ontológica, epistemológica e metodológica. **Investigacion Bibliotecologica**, v. 33, p. 133-154, 2019.
- MAURY, Y.; SERRES, A. Présentation. In : CHAPRON, F. ; DELAMOTTE, E. (Dir.). *L'éducation à la culture informationnelle*. Villeurbanne : Presses de l'enssib, 2010. (Collection Papiers. Série Culture de l'Information, v.1).
- MEIER, M.; GARCIA, S. **Mediação da aprendizagem**: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: Edição do Autor, 2007.
- PASSOS, M. Informação e Educação: um estudo sobre a relação entre atitudes, saberes e dispositivos culturais. 206 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PERAYA, D. *Médiation et médiatisation: le campus virtuel*. **Hermès: Cognition, Communication, Politique**, Paris, n. 25, p. 153-167, 1999.
- PEREZ, K. G. Apontamentos sobre o conceito de apropriação e seus desdobramentos na arte contemporânea. **Revista Digital Art&**, São Paulo, v. 6, n. 10, nov. 2008.
- PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. A mediação como categoria autônoma. **Informação & Informação** (UEL. Online), v. 19, p. 1, 2014.
- PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.L.G.; FUJINO, A.; NORONHA, D.P. (Org.). (Org.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Nectar, 2008, v. 1, p. 47-98.
- PIERUCCINI, I. **A ordem informacional dialógica**: estudo sobre a busca de informação em Educação. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- PROULX, S. Trajectoires d'usages des technologies de communication: les formes d'appropriation d'une culture numérique comme enjeu d'une société du savoir. **Annales des Télécommunications**, Paris, v. 57, n. 3-4, p. 180-189, 2002.
- RAMBALDI, E. 1989. Mediação. In: *Dialectica-Enciclopédia Einaudi*, organizado por Enrico Rambaldi. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 10: 143-174.
- RICOEUR, P. **Du texte à l'action**. Paris: Éditions du Seuil, 1986. (Essais d'Herméneutique, v. 2).
- RIPOLL, F. L'appropriation de l'espace au regard des mouvements sociaux contemporains: quelques réflexions sur les enjeux, modalités et ressources de l'action. **Espaces et sociétés**, Paris, n. 21, p. 45-50, mars 2004.
- RIPOLL, F.; VESCHAMBRE, V. Introduction: l'appropriation de l'espace comme problématique. **Noréis**, Rennes, n. 195, 2005.
- SANTAELLA, L. Charles Sanders Peirce (1839-1914). In: AGUIAR, L.; BARSOTTI, A. **Clássicos da comunicação**: os teóricos. De Peirce a Canclini. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017. P. 20-35.
- SANTAELLA, L. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

- SANTOS, E. L. **Estação Memória Cambury**: mediação cultural com os parceiros do rio que muda. 191 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2013.
- SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of “way of life”. *Library & Information Science Research*, v. 17, p. 259-294, 1995.
- SERFATY –GARZON, P. **Dictionnaire critique de l’habitation et du logement**. Paris: Armand Colin, 2003. p.27-30
- TEIXEIRA COELHO, J. O que é ação cultural. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Primeiros passos, v.216)
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.
- WILSON, T. Models in information behavior research. *Journal of documentation*, v. 55, n. 3, p. 249-270, 1999.
- YAHYAOU, Y. Innovation et processus d’appropriation sociale de la technologie. In: COLLOQUE INTERNATIONAL “POLITIQUES PUBLIQUES ET INNOVATION SOCIALE DANS LES PAYS DU MAGHREB”, 2006, Rabat. **[Actes]**. Rabat, 2006.

7. Atividades realizadas no pós-doutorado

Este relatório tem o objetivo de apresentar e comprovar as atividades desenvolvidas durante o estágio de pós-doutorado, realizado no período de **01/03/2024 a 03/09/2025** pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), sob a supervisão do Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida.

7.1 Participação no grupo de pesquisas Fundamentos Teóricos da Informação

Participamos ativamente dos encontros, tanto de forma presencial, como remoto. Em 2024, total de 10 debates sobre temas apresentados, sendo 10 encontros, com 06 participações presenciais, 3 remoto e 1 ausência. Nessa ocasião abrimos as atividades em 09 de maio de 2025, com apresentação de trabalho intitulado “As abordagens *Information Literacy* e *Culture de l'Information* no contexto das aprendizagens informacionais: notas preliminares sobre suas especificidades e distinções no campo da Ciência da Informação”, de autoria individual.

Em 2025, participamos de sete encontros promovidos pelo grupo, com apresentação do trabalho “*Information Literacy*, uma pseudoteoria? Notas para um debate à luz da epistemologia”, autoria de Marcos Paulo de Passos e Carlos Cândido de Almeida.

10 encontros, com 06 participações presenciais, 3 remoto e 1 ausência.

7.1.1 Agenda 2024

02/05 - 14:30 – Reunião remoto: Notícias, planejamento e atualização dos membros do grupo.

09/05 - 14:30 - Seminário/Discussão de texto. Participação presencial

Título do Ensaio: As abordagens *Information Literacy* e *Culture de l'Information* no contexto das aprendizagens informacionais: notas preliminares sobre suas especificidades e distinções no campo da Ciência da Informação

Autoria: Marcos Paulo de Passos

23/05 - 14:30 - Seminário: Informática, Cibernética e Comunismo. Participação remoto.

Coordenação: Roberto Lopes dos Santos Junior (UFPA)

16/05 - 14:30 - Seminário/Discussão de texto. Participação presencial

Coordenação: Ana Karolina Alves Amorim (UnB)

13/06 - 14:30 - Seminário/Discussão de texto. Participação presencial

Coordenação: Lucas dos Santos de Paulo (UnB)

04/07 - 14:30 - Seminário: Recuperação de Informação: a representação do subjetivo. Participação presencial.

Coordenação: Edberto Ferneda (UNESP)

19/09 - 14:30 - Seminário: Da documentação à informação virtual: a informação como componente do meio social em perspectiva. Participação presencial.

Coordenação: Lucas Corrêa da Cunha Silva (UNESP)

03/10 - 14:30 - Discussão de textos. Participação remoto.

Coordenação: Giovanna Teodoro Rosa (UNESP)

10/10 – Reunião Cancelada.

17/10 – Reunião Adiada.

24/10 - 14:30 - Seminário: SIMILARIDADES TEÓRICO METODOLÓGICA ENTRE AUTORES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Participação presencial.

Coordenação: Sônia Moutinho (UNESP)

21/11 - 14:00 - Seminário: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA NO ESTADO DE SÃO PAULO. Participação remoto.

Coordenação: Wilson Veronez (UNESP)

28/11 - 14:00 - Seminário: A REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO EM SITES DE NOTÍCIAS REGIONAIS. Ausente.

Coordenação: Carolina Felix Gonzales (UNESP)

20/12 – 15:00 – Reunião de encaminhamentos para 2025. Participação remoto

7.1.2 Agenda 2025 - 1º Semestre

8 encontros; 7 participações remoto; 1 ausência

25/04 - 14:30-16:00 - Notícias, planejamento e atualização dos membros do grupo

Pauta: comunicações, seminários, textos de discussão, resumo das pesquisas, equipes de trabalho, propostas de publicações etc.

Participação remoto.

16/05 - 14:30-16:00 - Discussão de texto: A semiótica discursiva e aplicação à análise documentária. Coordenação: Alexandre R. Martines; Ausente.

06/06 - 14:30-16:00 - Discussão de textos: Psicanálise e Ciência da Informação. Participação remoto.

Título do ensaio/texto: 1) O lugar epistêmico da Psicanálise na Ciência da Informação:

considerações frente às mudanças mentais e científicas no âmbito da plataforma;

2) Psicoanálisis a un siglo de distancia

13/06 - 14:30-16:00 - Seminário: Epistemologia da Information Literacy. Participação remoto. Coordenação: Marcos P. Passos.

Título do ensaio/texto: INFORMATION LITERACY, UMA PSEUDOTEORIA? Notas para um debate à luz da epistemologia

11/07 - 14:30-16:00 - Seminário/Discussão de texto. Participação remoto. Coordenação: Wilson Veronez

Título do ensaio: Inteligência artificial generativa, deepseek e a inteligência artificial chinesa: intersecções e interdisciplinaridades com o campo da Ciência da Informação. Participação remoto.

Agenda 2025 - 2º Semestre (Participações remoto)

22/08 - 14:30-16:00 - Discussão de texto. Participação remoto.

Coordenação: Gabriela Melo Rocha (UnB)

Título do ensaio/texto: ROCHA, Gabriela; RABELLO, Rodrigo. Mídias sociais e não-público: estudo no Instagram da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

05/09 - 14:30-16:00 - Seminário/Discussão de texto:

Coordenação: Rodrigo Rabello (UnB)

Título do ensaio/texto: RABELLO, Rodrigo. Documentação popular: proposição de um conceito. AtoZ: Novas práticas em Informação e Conhecimento, v. 14, n. 2, 2025. Preprint

26/09 – 14:30-16h00 - Seminário/Discussão de texto:

Coordenação: Roberto Lopes dos Santos Junior (UFPA)

Título do ensaio/texto: Informação, Internet e Comunismo

Referência e link: SANTOS JUNIOR, R. L. A Internyet comunista: Análise sobre a (não) consolidação da rede de computadores na União Soviética (1958-1991). Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 16, p. 537-564, 2024.

7.2 Produção científica

A produção científica consta de trabalhos individuais (3), que marca a retomada do tema tratado no doutorado (2018) e o ingresso no pós-doutorado (2024). A produção científica consta, ainda, de publicações em parcerias com supervisor do pós-doutorado (1), com discentes Lucas Correa Silva e Ana Beatriz Colombo e docente Sônia Troitiño do programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP (2), Campus de Marília, SP, decorrentes da disciplina ministrada no PPGCI/UNESP. Assim, foram submetidos para eventos internacionais e nacionais no período entre 2024 e 2025), elencados a seguir:

1. PASSOS, Marcos Paulo de. As abordagens information literacy e culture de l'information no contexto das aprendizagens informacionais: notas preliminares sobre suas especificidades e distinções no campo da Ciência da Informação In: Diálogos na Ciência da Informação: Atas do XIV Encontro EDICIC = Diálogos en Ciencia de la Información: Actas del XIV Encuentro de EDICIC, ed.1. Lisboa, Portugal: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Clássicos, Edições Colibri, 2024, p. 137 - 144. (PUBLICADO)
2. COLOMBO, Ana Beatriz; Passos, Marcos P.; ALMEIDA, Carlos Cândido de; TROITINO, Sônia M. Reflexões sobre arquivo e poder: um olhar sobre serviços, ações culturais e educativas no Arquivo Nacional do Brasil. In: Associação de Educação e Investigação em Ciência da Informação da Iberoamérica e Caribe, XI EDICIC Ibérico, 2025. (SUBMETIDO).
3. SILVA, Lucas Correa C.; Passos, Maros P.; ALMEIDA, Carlos Cândido de. A educação para a informação: uma reflexão sobre os limites da abordagem centrada nas competências. In: Associação de Educação e Investigação em Ciência da Informação da Iberoamérica e Caribe, XI EDICIC Ibérico, 2025. (SUBMETIDO).
4. PASSOS, Marcos Paulo de; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Information Literacy, uma pseudoteoria? Notas para um debate epistemológico. In: XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2025. (SUBMETIDO).
5. PASSOS, Marcos P. Por uma ação educativa em favor do protagonismo cultural dos sujeitos: um estudo sobre a construção de saberes informacionais atitudinais no contexto de um dispositivo informacional dialógico. In: XIV Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade (SHB), Universidade Federal do Espírito Santo, 2025. SUBMETIDO
6. PASSOS, Marcos P.; SILVEIRA, Lorena S. Biblioteca escolar: notas sobre representação social por estudantes de pedagogia. **Biblioteca**

Escolar em Revista, 2025 (SUBMETIDO).

7. PASSOS, Marcos P.; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Information literacy/ Competência em informação à luz da epistemologia: uma análise do discurso dos pesquisadores brasileiros. In: XIV Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade (SHB), Universidade Federal do Espírito Santo, 2025. (Trabalho não submetido).

7.3 Participação em bancas

Participamos da banca de qualificação de tese de doutorado intitulada “Perspectiva histórica e desafios de institucionalização da Ciência da Informação em países africanos de língua oficial portuguesa”, de autoria de Rui Manuel Cherene, pelo PPGCI/UNESP, realizado em 27 de fevereiro de 2025, com a presença do Prof Carlos Cândido de Almeida e do Prof. Rodrigo Rabello, da UnB. A avaliação nos permitiu tomar contato com realidade de pesquisas no contexto da Ciência da Informação nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), com especial foco em Moçambique.

Além dessa banca, participamos de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Biblioteconomia, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, campus de Marília, em 2024. Título: “Bibliotecas públicas como centros multiculturais de disseminação: um estudo documental da região administrativa de São José do Rio Preto-SP”, com orientação da Profa Elaine Silva e participação da profa. Daniela Reis.

7.4 Disciplina ministrada no PPGCI (UNESP)

No período compreendido entre 23 de agosto e 18 de outubro de 2024, ministramos, conjuntamente, a disciplina “Tópicos especiais: Diálogos epistemológicos entre Informação e Educação”, na qual pudemos colocar em perspectiva a problemática das aprendizagens informacionais, a partir de reflexões sobre as abordagens estadunidense *information literacy* e correlatas *literacia informacional*, *alfabetización informacional*, francófonas *culture de l'information*, *culture informationnelle*, *translitteratie*, *éducation à l'information*, *maîtrise de l'information*, e brasileiras competência em informação, letramento informacional, alfabetização informacional, competência crítica em informação, educação em informação, infoeducação. Daí originaram-se três ensaios, com dois trabalhos

desenvolvidos, submetidos e aprovados para apresentação e publicação no EDICIC Ibérico 2025, na cidade do Porto, em Portugal. Acredito que uma nova oferta da disciplina pelo PPGCI/UNESP nos permitiria dar continuidade às reflexões debatidas nos encontros precedentes.

7.5. Pareceres ad hoc para eventos científicos e revistas de periódicos da área

Durante o período de pós-doutorado realizei avaliações *ad-hoc* para eventos e periódicos nacionais e internacionais da área. Indico a seguir o quadro ilustrativo das avaliações realizadas:

Categoria	Evento/Periódico	Quantidade
Eventos	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) 2024	11
	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) 2025	08
	Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade	01
Periódicos	Perspectivas em Ciência da Informação	01
	Informação & Informação	01
	Informação & Profissões	01
	Total	23

8 Considerações gerais sobre o pós-doutorado

8.1 Da mobilização e do interesse pessoal.

O interesse pela temática decorre de experiência profissional como bibliotecário no quadro de bibliotecas educativas da cidade de São Paulo (CEU/SME/PMSP), e de pesquisas técnico-científicas de mestrado e de doutorado (ECA-USP), cujo foco sobre *aprendizagens informacionais* e estudos sobre protagonismos dos sujeitos (*saberes informacionais atitudinais*) indicaram o papel fundamental exercido pelas *mediações* no quadro dos dispositivos culturais, sobretudo, levadas a efeito por projetos e programas culturais e educativos realizados em bibliotecas. Vale dizer que no contexto nacional, preocupa-nos que a falta de compreensão que orienta projetos e programas desta natureza, hegemonicamente constituídos em cenários internacionais, possa levar à assimilação de modelos de *mediação cultural* que visem apenas estimular a

oferta e o consumo de informações. Ao não considerarem quadros sócio-históricos que nos constituem, tais modelos podem se impor como regra, acentuarem a exclusão, a submissão cultural, disseminados via *ordem informacional* dos dispositivos culturais, de modo irreversível no país.

A perspectiva do pós-doutoramento visava uma incursão com maior adensamento da temática, pelo enfoque teórico da epistemologia e da semiótica acerca das abordagens relacionadas à *information literacy*. Com relação à primeira etapa, de cunho epistemológico, obtivemos avanços significativos, mas preliminares; com relação à segunda, estudos de semiótica, precisam ser avançados.

8.2 Das reuniões com supervisor:

Durante o ano de 2024 tivemos encontros presenciais, quinzenais, em complementação aos encontros agendados do Grupo de Pesquisa na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, SP.

Assim, foi possível avançarmos e realizarmos adensamentos dos temas iniciais propostos, ampliação teórico-conceitual sobre o objeto da pesquisa, redação de trabalhos em parceria que foram submetidos e aprovados no EDICIC Ibérico 2025, ENANCIB 2025 e Seminário Hispano-Brasileiro 2025. Além de redirecionamento da pesquisa, que culminou com projeto submetido ao CNPQ e oportunidade de ministrar disciplina no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na UNESP, Campus de Marília, SP.

A relação supervisor e pós-doutorando se caracterizou como um processo riquíssimo, no qual pude aprender, amadurecer como pesquisador e vislumbrar novas oportunidades de pesquisa no campo da Ciência da Informação. Ademais, almejamos nos inserir em novos projetos de pesquisa e conforme pudemos acordar, temos em perspectiva compor equipe de pesquisadores, vinculados ao exame do desenvolvimento do campo da biblioteconomia, informação e documentação na Espanha, após a ditadura franquista e as mudanças ocorridas na área nas duas últimas décadas, proposto ao CNPQ, pela Chamada Pública MCTI/CNPq nº 16/2025.

8.3 Da continuidade da pesquisa

No decurso do estágio realizado, acompanhamos diferentes reflexões promovidas pelo Grupo de Pesquisas “Fundamentos Teóricos da Informação”, sob a responsabilidade científica dos Profs. Carlos Cândido de Almeida (UNESP) e Rodrigo Rabello (UNB). A participação nos encontros nos indicou serem sumárias nossas

primeiras proposições de pesquisa, apresentadas no projeto aceito para iniciação no pós-doutoramento (Processo 5108).

A partir das reuniões do Grupo de Pesquisa e das orientações propostas nas reuniões de supervisão realizamos alguns avanços teóricos que culminaram em novo direcionamento da pesquisa e na submissão de um novo projeto de pesquisa ao CNPQ (Processo 157304/2025-6), pois acreditamos que uma segunda etapa da pesquisa nos fornecerá condições e subsídios para o adensamento dos estudos sobre a temática.

Nessa direção, indicamos que a participação em disciplinas como “Epistemologia da Ciência da Informação” e “Aspectos Semióticos dos Processos Informacionais”, sob responsabilidade do Prof. Carlos Cândido de Almeida, e a disciplina “A Ciência da Informação comunista: estudos sobre a *Informatika* na União Soviética e Rússia”, sob responsabilidade dos Prof. Roberto Lopes dos Santos Júnior (UFPA) e Prof. Carlos Cândido de Almeida, previstas para 2026, nos sejam importantes para continuidade das pesquisas. Todas as disciplinas mencionadas são ofertadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP, e possuem relação com as temáticas de fundamentos e de mediação que estão na base de nossos estudos.

Vale ressaltar que no período do pós-doutorado, nos ocupamos da reflexão e debates acerca das abordagens centradas no ensino de *competências informacionais*, sobretudo, no país, refletido na produção científica em anexo.

ATESTADO

ATESTAMOS que o Prof. Dr. Marcos Paulo de Passos, RG 272.629.90X - SSP, ministrou/ministra aulas aos discentes do Programa de Pós-graduação desta Unidade Universitária, conforme abaixo descrito:

Programa: Ciência da Informação

Disciplina	Ano	Dt.Início	Dt.Término	Curso	Discentes	Hr/Aula
Tópicos Especiais: Diálogos epistemológicos entre Informação e Educação	2024	23/08/2024	18/10/2024	MD	3	45

Marília, 21 de fevereiro de 2025

Paulo Sérgio
Teles

Assinado de forma digital
por Paulo Sérgio Teles
Dados: 2025.02.21 09:30:22
-03'00'

Paulo Sérgio Teles
Supervisor Técnico de Seção
Seção Técnica de Pós-Graduação

PLANO DE ENSINO

Tópicos Especiais: Diálogos epistemológicos entre Informação e Educação

Semanal: Manhã.

Período: 23 de agosto a 18 de outubro de 2024

Tópicos Especiais: Diálogos epistemológicos entre Informação e Educação

Docentes: Dr. Carlos Cândido Almeida e Dr. Marcos Paulo de Passos

1. Dados da Disciplina

Título da disciplina: Epistemologia da Informação e da Educação em Ciência da Informação

Tópicos Especiais ☒ Sim ☐ Não

Docente(s) Responsável(is): Carlos Cândido de Almeida e Marcos Paulo de Passos

Área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento

Nível: ☐ Mestrado ☐ Doutorado ☒ Mestrado/Doutorado

Número de créditos / Carga horária: 45 Total: 6 créditos

Número Mínimo de Alunos: 5

Número Máximo de Alunos: 20

Aceita Alunos Especiais? (X) Sim – Quantos: 3
() Não

2. Ementa

Apresenta e discute articulações entre as áreas de Informação e Educação no contexto da Ciência da Informação. Identifica e problematiza assimetrias presentes nos contextos das chamadas Sociedades da Informação e do Conhecimento. Trata de diferentes literacias informacionais -- conceitos, histórico e características. Apresenta base crítica das literacias a partir de conceitos de dispositivos, mediação e apropriação cultural e epistemologia da ciência.

3. Objetivos da Disciplina

- Apresentar problemática presente nas relações entre os campos da Informação e Educação, no contexto da Ciência da Informação;
- Apresentar diferentes correntes presentes no campo das literacias informacionais;
- Discutir os conceitos presentes na base de formulação das literacias hegemônicas.

4. Conteúdo Programático
1. FUNDAMENTOS DA INFORMAÇÃO E DA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 1.1 Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento – assimetrias 1.2 Pensamentos e articulações entre Edgar Morin; Lev Vygotsky; Bernard Charlot; Jacques Rancière; Textos selecionados. 2. LITERACIAS INFORMACIONAIS: ABORDAGENS 2.1 Information Literacy. Letramento Informacional. Alfabetização informacional. Competência em informação. Competência crítica em informação. 2.2 Éducation à l'information. Maîtrise de l'Information. Culture de l'Information. Culture Informationnelle. Translitteratie. 2.5 Infoeducação. 3. DISPOSITIVOS CULTURAIS E APROPRIAÇÃO CULTURAL 3.1 Dispositivo Cultural 3.2 Mediação Cultural 3.3 Apropriação Cultural 4. DIÁLOGOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
5. Metodologia de Ensino
Procedimentos de Ensino • Aulas expositivas • Discussões em grupo • Avaliação de trabalhos Tecnologias e Recursos Didáticos • Slides • Projetor multimídia • Videoconferência Atividades Discentes • Leitura e análise de obras • Elaboração de ensaio • Apresentação de seminários Critérios de Avaliação da Aprendizagem: • Ensaio • Seminários
6. Bibliografia Básica
BELLUZZO, Regina Celia Baptista. O estado da arte da competência em informação no Brasil e o protagonismo científico. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, p. 01-12, 2021. BEZERRA, Arthur C. SCHNEIDER, M. ; SALDANHA, G. S. . Competência crítica em

informação como crítica a competência em informação. *Informacao & Sociedade- Estudos*, v. 29, p. 1, 2019.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento Informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas do ensino básico**. 2009 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009.

CORNU, B. Et al. La société de l'information: introduction. In: _____. **Glossaire critique de la science de l'information**. Paris: La documentation française, 2005.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma – Revista de Ciência da Informação e da Comunicação**, n. 4, p. 03-36, jun. 2007.

ENDRIZZI, L. L'éducation à l'information. **La lettre d'information**, n.17, avr. 2006.

Disponível em: <http://www.inrp.fr/vst/LettreVST/avril2006.htm> Acesso em 12 jul.

2014 (versão em francês)

JEANNERET, Y. I. *Dispositif*. _____. **Glossaire critique de la science de l'**

information. Paris: La documentation française, 2005. Disponível em:

<http://ensmp.net/pdf/2005/glossaire/dispositif.doc>. Acesso em: outubro de 2013

LE DEUFF, O. **La culture de l'information en reformation**. 2009. 533 f. Tese

(Doutorado) – Humanities and Social Sciences. Université Rennes 2, French.

Disponível em: < <https://halshs.archives-ouvertes.fr/tel-00421928/document> >.

Acesso em: 03 de setembro de 2014.

LEVY, Jean-François. **Etat de l'art sur la notion de compétence**. Texte introductif au

séminaire national INRP. Jun 2000, Paris, France. Disponível em: [https://hal.archives-](https://hal.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/3174/filename/IntroJFL.pdf)

[ouvertes.fr/file/index/docid/3174/filename/IntroJFL.pdf](https://hal.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/3174/filename/IntroJFL.pdf).

LIVINGSTONE, Sonia. Internet Literacy: a negociação dos jovens com as novas

oportunidades on-line. **Revista Matrizes**, ano 4, n. 2, p. 11-42, 2011.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

PASSOS, Marcos Paulo de. **Informação e Educação: um estudo sobre a relação entre atitudes, saberes e dispositivos culturais**. 206 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2018. p. 35-75.

PERROTTI, E. Biblioeducação, rompendo paradigmas: transversalidade e verticalidade na Era da Informação. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**. v. 17, *Dossiê: Transversalidade e Verticalidade na Ciência da Informação*, publicação contínua, 2023.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoéducation: ceci n'est pas une pipe. À la recherche d'une troisième rive". **Mediadoc Apden**, Paris, n. 16, p. 18-21, juin, 2016.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. G, FUJINO, A. NORONHA, D. P. (org.) **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 46-97

PIERUCCINI, I. **A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em Educação**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-14032005-144512/ptbr.php>. Acesso em: 20 jul. 2016.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 191 p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

SERFATY-GARZON, P. Apropriação. In: **Dictionnaire critique de l'habitation et du logement**. Paris: Armand Colin, 2003. p.27-30

SHAPIRO, Jeremy J.; HUGHES, Shelley K.. Information Literacy as a liberal art: enlightenment proposals for a new curriculum. *Educom Review*, v. 31, n. 2, mar-abr. 1996. Disponível em: <http://net.educause.edu/apps/er/review/reviewarticles/31231.html>. Acesso em: 26 mai. 2016.

VIRKUS, S. **Information Literacy in Europe**: a literature Review. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/8-4/paper159.html> Acesso em: 12 de jul. 2009.

7. Bibliografia Complementar (opcional)

BATISTA, Carmem L. Os conceitos de apropriação: contribuições à Ciência da Informação. **Em Questão**, v. 24, p. 210, 2018.

BEZERRA, Arthur Coelho. From critical information literacy to a critical theory of information. **The International Review of Information Ethics**, v. 30, p. 1-10, 2021.

BOTELHO, Isaura. As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n.2, 2001.

CHAPRON, F. **L'évolution de la place de l'information-documentation dans l'enseignement scolaire**. Disponível em: <http://urfist.enc.sorbonne.fr/anciensite/Assises/Ass-Chapron.htm>.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHAUÍ, Marilena. O discurso competente. In: CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia – o discurso competente e outras falas**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2014. p. 15-25.

DUFRÊNE, B., GELLEREAU, M. La médiation culturelle: enjeux professionnels et politiques. **Hermès**, n.38, p.199-206, 2004.

IFLA. Information Literacy State of Art Reports. Disponível em: <http://www.ifla.org/publications/information-literacy-state-of-the-art-Reports> . Acesso em: 5 maio 2015.

GARCÍA CANCLINI, N. Sociedades do conhecimento: a construção intercultural do saber. In: _____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007. p.225-242

GOULEMOT, J.-M. Bibliotecas, enciclopedismo e angústias da perda: a exaustividade ambígua das Luzes. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (dir.). **O poder das Bibliotecas: memória dos livros no Ocidente**. Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 257-270.

HOGGART, R. Molas deslassadas: uma nota sobre os desenraizados e os ansiosos. In: _____. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. (v. 2).

LAZARTE, L. Ecologia cognitiva na Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 43-51, maio/ago. 2000.

MORIN, Edgar, 1921- **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

NASCIMENTO, Leandro dos Santos. **Informação e Educação**: as origens da Information Literacy – um estudo do relatório “The information service environment relationships and priorities”, de Paul Zurkowski. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. **A negociação cultural**: um novo paradigma para a mediação e a apropriação da cultura escrita. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PASSOS, Marcos Paulo de. Ação cultural para reinvenção das práticas em bibliotecas:

criação de outros meios e outros fins: as contribuições do Coletivo Estopô Balaio. **INFORMAÇÃO@PROFISSÕES**, v.5, p.131-159, 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/25310/18743>.

PASSOS, M. P.; PIERUCCINI, I. . Médiation culturelle et « infoéducation » : construction des savoirs et des connaissances = Mediação cultural e infoeducação: construção de saberes e conhecimento. In: COUZINET, Viviane. MARTELETO, Regina (Org.). (Org.). Médiations et usages sociaux des savoirs et de l'information. Regards croisés France-Brésil. Dossier Études de communication, nº 57 | 2e semestre 2021.. 1ed.Lille: Presses universitaires du Septentrion, 2021, v. 57, p. 39-56.

PERAYA, D. O ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada. In : ALAVA, S., org. **Ciberespaço e formações abertas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERROTTI, E. Infoeducação: um passo para além do científico-profissional. **Informação&Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 04-31, jul./dez. 2016.

PEREIRA, Maria Eliziana; FREIRE, Gustavo H. A. Infoeducação nas teses e dissertações dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. **Informação&Informação**, Londrina, v. 27, n. 1, p. 51–81, jan./mar. 2022.

PERROTTI, E. Sobre Informação e Protagonismo Cultural. In: GOMES, H. F. et al. **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

PERROTTI, Edmir ; PIERUCCINI, I. . A mediação como categoria autônoma. **Informação & Informação**, v. 19, p. 1, 2014

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

SARABIA, B. A aprendizagem e o ensino das atitudes. In: COLL, César. et al. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p.119-178.

SERRES, A. Repères sur la translittératie : 5ème Séminaire du GRCDI. In : *La translittératie en débat : regards croisés des cultures de l'information (infodoc, médias, informatique) et des disciplines*. Rennes, 7 septembre 2012. Disponível em : https://halshs.archives-ouvertes.fr/CULTURES_INFORMATION/sic_01476798v1

Acesso em: 20 fev. 2018.

TEIXEIRA COELHO NETO, José. **Dicionário crítico de política cultural**. 2. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

TODOROV, Tzvetan. O projeto. In: _____. O espírito das Luzes. São Paulo: Barcarolla, 2008.

VYGOTSKY, L.S. Problema sredi v pedologuii (A questão do meio na pedagogia). In: VYGOTSKY, L. S. *Lektsii po pedologuii* (Aulas de pedagogia). Ijévk: Udmurtskiy Universitet, 1935c. p.70-91.

ZURKOWSKI, Paul G. **The Information Service Environment Relationships and Priorities**: report 5. Washington, D.C., National Commission on Libraries and Information Science, Nov 1974. 30 p. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED100391.pdf> Acesso em: 16 ago. 2016.

PLANO DE ATIVIDADES

Tópicos Especiais: Diálogos epistemológicos entre Informação e Educação

Ementa
Apresenta e discute articulações entre as áreas de Informação e Educação no contexto da Ciência da Informação. Identifica e problematiza assimetrias presentes nos contextos das chamadas Sociedades da Informação e do Conhecimento. Trata de diferentes literacias informacionais -- conceitos, histórico e características. Apresenta base crítica das literacias a partir de conceitos de dispositivos, mediação e apropriação cultural e epistemologia da ciência.
Objetivos da Disciplina
- Apresentar problemática presente nas relações entre os campos da Informação e Educação, no contexto da Ciência da Informação; - Apresentar diferentes correntes presentes no campo das literacias informacionais; - Discutir os conceitos presentes na base de formulação das literacias hegemônicas.
Metodologia
- Aulas expositivas e dialogadas. - Reflexões, dinâmicas e discussões a partir da bibliografia apresentada. - Seminários.
Conteúdo Programático
1. FUNDAMENTOS DA INFORMAÇÃO E DA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 1.1 Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento – assimetrias 1.2 Pensamentos e articulações entre Edgar Morin; Lev Vygotsky; Bernard Charlot; Jacques Rancière; Textos selecionados. 2. LITERACIAS INFORMACIONAIS: ABORDAGENS 2.1 Information Literacy. Letramento Informacional. Alfabetização informacional. Competência em informação. Competência crítica em informação. 2.2 Éducation à l'information. Maîtrise de l'Information. Culture de l'Information. Culture Informationnelle. Translitteratie. 2.5 Infoeducação. 3. DISPOSITIVOS CULTURAIS E APROPRIAÇÃO CULTURAL 3.1 Dispositivo Cultural 3.2 Mediação Cultural 3.3 Apropriação Cultural 4. DIÁLOGOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CRONOGRAMA DAS AULAS

2º SEMESTRE DE 2024			
Aula	Dia	Horário	Atividades
1	23/08	Parte I 08:00-09:30 Parte II 10h00-12h00	Apresentação dos planos de ensino e de atividades. Educação e Informação - diálogos em Ciência da Informação Aula1. 23/agosto. Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento – assimetrias Textos-base 1. COUTO, Mia. Línguas que não sabíamos que sabíamos. In: _____. E se Obama fosse africano? E outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 11-24. 2. HARRIS, Marvin: “A mãe-vaca”. In: _____. Vacas, porcos, guerras e bruxas - os enigmas da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. (Capítulo). 3. ARENDT, Hannah. A crise na cultura: sua importância social e política. In: _____. Entre o passado e o futuro. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Debates, v. 64). p. 248-281. Texto-complementar 1. CORNU, B. Et al. La société de l’information: introduction. In: _____. Glossaire critique de la science de l’information. Paris: La documentation française, 2005. (Versão traduzida) 2. BURCH, S. Sociedade da informação/ Sociedade do conhecimento. In: AMBROSI, A.; PEUGEOT, V; PIMENTA, D. <i>Desafios de palavras</i>: enfoques multiculturais sobre as Sociedades da Informação. Paris: C & F Éditions, 2005.
2	30/08	Parte I 08:00-09:30 Parte II 10h00-12h00	Aula 2. 30/agosto. Educação na contemporaneidade – um recorte 1. ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: _____. Entre o passado e o futuro. São. Paulo: Perspectiva, 1972, p. 221-247. 2. RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 191 p. 3. HOGGART, Richard. Molas deslassadas: uma nota sobre os desenraizados e os ansiosos. In: _____. As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. (v. 2). Textos complementares. 1. CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000. (capítulos indicados) 2. MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000. 3. VYGOTSKY, Lev S. Problema sredi v pedologuii (A questão do meio na pedagogia). In: VYGOTSKY, L. S. Lektsii po pedologuii (Aulas de pedagogia). Ijievsk: Udmurtskiy Universitet, 1935c. p.70-91.
3	06/09	Parte I 08:00-09:30	Aula 3. 06/setembro. Literacias informacionais. Information Literacy Information literacy e abordagens afins “Educação de usuários da informação”: a Information literacy e suas traduções: alfabetização informacional; letramento informacional; competência em informação/informacional;

		Parte II 10h00-12h00 Texto-base 1. ZURKOWSKI, P.G. The Information Service Environment Relationships and Priorities, Related Paper, n. 5., <i>National Commission on Libraries and Information Science</i>, Washington, DC., National Program for Library and Information Services, 1974., Disponível em: < http://eric.ed.gov/PDFS/ED100391.pdf >. Textos complementares 1. VIRKUS, S. Information Literacy in Europe: a literature Review. <i>Information Research</i>, v. 8, n. 4, July 2003. Disponível em: http://www.informationr.net/ir/8-4/paper159.html Acesso em: 29 jul.2024. 2. DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n.1, p. 23-35, 2003. 3. LIVINGSTONE, Sonia. “Internet Literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line”. Revista Matrizes ano 4, n. 2, p. 11-42, 2011. 4. BELLUZZO, Regina Celia Baptista. O estado da arte da competência em informação no Brasil e o protagonismo científico. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, p. 01-12, 2021.
4	13/09	Aula 4. 13/setembro. Culture de l’informacion. Competência crítica em informação. Textos-base 1. LE COADIC, Y. F. <i>A Ciência Da Informação</i>. 2. ed. rev. Brasília Briquet De Lemos Livros, 2004. 124 p. Capítulo 8. 2. ENDRIZZI, L. L’éducation à l’information. <i>La lettre d’information</i>, n.17, avr. 2006. (versão em inglês) Texto complementar 1. COUZINET, Viviane; THIESEN, Icleia; CABRAL NUNES, Martha Suzana. Do usuário ao iniciado: para uma cultura informacional partilhada. ConCI: Convergências em Ciência da Informação, Aracaju, v. 5, p. 1–28, 2022. DOI: 10.33467/conci.v5i.18039. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/18039. Acesso em: 29 jul. 2024. 2. BEZERRA, Arthur C. SCHNEIDER, M.; SALDANHA, G. S. Competência crítica em informação como crítica a competência em informação. Informacao & Sociedade-Estudos, v. 29, p. 1, 2019. Parte I 08:00-09:30 Parte II 10h00-12h00
5	20/09	Aula 5. 20/setembro. Infoeducação. Texto-base 1. PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. G, FUJINO, A. NORONHA, D. P. (org.) Informação e contemporaneidade: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 46-97. Textos complementares 1. CHAUÍ, Marilena. O discurso competente. In: CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia – o discurso competente e outras falas. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2014. p. 15-25. 2. PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoéducation: ceci n’est pas une pipe. À la recherche d’une troisième rive”. Mediadoc Apden, Paris, n. 16, p. 18- Parte I 08:00-09:30 Parte II 10h00-12h00

			21, juin, 2016. (Texto em português) 3. PASSOS, M. P.; PIERUCCINI, I. Médiation culturelle et « infoéducation » : construction des savoirs et des connaissances In: COUZINET, Viviane. MARTELETO, Regina (Org.). (Org.). Médiations et usages sociaux des savoirs et de l'information. Regards croisés France-Brésil. Dossier Études de communication, nº 57 2e semestre 2021. 1ed.Lille: Presses universitaires du Septentrion, 2021, v. 57, p. 39-56.
6	27/09	Parte I 08:00-09:30 Parte II 10h00-12h00	AULA 6. 27/setembro. Dispositivos, Mediação e Apropriação Cultural 1. JEANNERET, Y. I. <i>Dispositif. Glossaire critique de la science de l'information</i>. Paris: La documentation française, 2005. (Texto traduzido para o português) 2. DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? Prisma - <i>Revista de Ciências da Informação e da Comunicação</i>, n. 4, jun 2007. Disponível em: http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/645/pdf. Acesso em março 2014. 3. SERFATY-GARZON, P. Apropriação. In: Dictionnaire critique de l'habitation et du logement. Paris: Armand Colin, 2003. p. 27-30. (Texto traduzido para o português) 4. PERAYA, D. O ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada. In: ALAVA, S., org. <i>Ciberespaço e formações abertas</i>. Porto Alegre: Artmed, 2002 p. 25-52
7	18/10	Parte I 08:00-09:30 Parte II 10h00-12h00	AULA 7. 18/outubro. Apresentação dos trabalhos finais.

Marília, 01 de agosto de 2024.

Carlos Cândido de Almeida

Assinatura do Docente Responsável

Marcos Paulo de Passos

Assinatura do Docente Responsável

Participação no Grupo de Pesquisa “Fundamentos Teóricos da Informação”

10 encontros, com 06 participações presenciais, 3 remoto e 1 ausência.

Agenda 2024

02/05 - 14:30 – Reunião remoto: Notícias, planejamento e atualização dos membros do grupo.

09/05 - 14:30 - Seminário/Discussão de texto. Participação presencial

Título do Ensaio: As abordagens Information Literacy e Culture de l'Information no contexto das aprendizagens informacionais: notas preliminares sobre suas especificidades e distinções no campo da Ciência da Informação

Autoria: Marcos Paulo de Passos

23/05 - 14:30 - Seminário: Informática, Cibernética e Comunismo. Participação remoto.

Coordenação: Roberto Lopes dos Santos Junior (UFPA)

16/05 - 14:30 - Seminário/Discussão de texto. Participação presencial

Coordenação: Ana Karolina Alves Amorim (UnB)

13/06 - 14:30 - Seminário/Discussão de texto. Participação presencial

Coordenação: Lucas dos Santos de Paulo (UnB)

04/07 - 14:30 - Seminário: Recuperação de Informação: a representação do subjetivo. Participação presencial.

Coordenação: Edberto Ferneda (UNESP)

19/09 - 14:30 - Seminário: Da documentação à informação virtual: a informação como componente do meio social em perspectiva. Participação presencial.

Coordenação: Lucas Corrêa da Cunha Silva (UNESP)

03/10 - 14:30 - Discussão de textos. Participação remoto.

Coordenação: Giovanna Teodoro Rosa (UNESP)

10/10 – Reunião Cancelada.

17/10 – Reunião Adiada.

24/10 - 14:30 - Seminário: SIMILARIDADES TEÓRICO METODOLÓGICA ENTRE AUTORES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Participação presencial.

Coordenação: Sônia Moutinho (UNESP)

21/11 - 14:00 - Seminário: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA NO ESTADO DE SÃO PAULO.

Participação remoto.

Coordenação: Wilson Veronez (UNESP)

28/11 - 14:00 - Seminário: A REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO EM SITES DE NOTÍCIAS REGIONAIS. Ausente.

Coordenação: Carolina Felix Gonzales (UNESP)

20/12 – 15:00 – Reunião de encaminhamentos para 2025. Participação remoto

Agenda 2025 - 1º Semestre (5 encontros; 4 participações remoto).

25/04 - 14:30-16:00 - Notícias, planejamento e atualização dos membros do grupo

Pauta: comunicações, seminários, textos de discussão, resumo das pesquisas, equipes de trabalho, propostas de publicações etc.

Local: Sala 47 - Prédio de Atividades Didáticas. Participação remoto.

16/05 - 14:30-16:00 - Discussão de texto: A semiótica discursiva e aplicação à análise documentária. Coordenação: Alexandre R. Martines; Ausente.

06/06 - 14:30-16:00 - Discussão de textos: Psicanálise e Ciência da Informação.

Participação remoto.

Título do ensaio/texto: 1) O lugar epistêmico da Psicanálise na Ciência da Informação: considerações frente às mudanças mentais e científicas no âmbito da plataforma; 2) Psicoanálisis a un siglo de distancia

13/06 - 14:30-16:00 - Seminário: Epistemologia da Information Literacy. Participação remoto

Coordenação: Marcos P. Passos.

Título do ensaio/texto: INFORMATION LITERACY, UMA PSEUDOTEORIA? Notas para um debate à luz da epistemologia

11/07 - 14:30-16:00 - Seminário/Discussão de texto. Participação remoto.

Coordenação: Wilson Veronez

Título do ensaio: Inteligência artificial generativa, deepseek e a inteligência artificial chinesa: intersecções e interdisciplinaridades com o campo da Ciência da Informação

Agenda 2025 - 2º Semestre

22/08 - 14:30-16:00 - Discussão de texto. Participação remoto.

Coordenação: Gabriela Melo Rocha

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7406123752551657>

Título do ensaio/texto: Mídias sociais e não-público: estudo no Instagram da Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Referência e link: ROCHA, Gabriela; RABELLO, Rodrigo. Mídias sociais e não-público: estudo no Instagram da Biblioteca Central da Universidade de

Brasília. https://drive.google.com/drive/folders/15FcZBdb_YrrfWJUAsnpvY7_9HZjo6_sq?usp=sharing

Local: Sala 47 - Prédio de Atividades Didáticas

Participação em bancas de avaliação (graduação, mestrado e doutorado)

2025. Qualificação de relatório de pesquisa de Doutorado (UNESP)

ALMEIDA, Carlos Candido; RABELLO, Rodrigo; [PASSOS, M. P.](#). Participação em banca de Rui Manuel Cherene. Perspectiva histórica e desafios de institucionalização da Ciência da Informação em países africanos de língua oficial portuguesa. 2025. Exame de qualificação (Doutorando em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

2024. Trabalho de conclusão de curso (Biblioteconomia) – UNESP

SILVA, Elaine; REIS, Daniela P.; [PASSOS, M. P.](#) Participação em banca de Gabriela Folador Gionbelli. Bibliotecas públicas como centros multiculturais de disseminação: um estudo documental da região administrativa de São José do Rio Preto - SP. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

2024. Defesas de mestrado (UNIRIO)

MELO, Kelly Castelo Branco da Silva; OKUZONO, S.B.P.; [PASSOS, M. P.](#). Participação em banca de Luiza Coutinho Arias. COLEÇÃO, MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: O CASO DOS ANAIS DE MICROBIOLOGIA. 2024. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

MELO, Kelly Castelo Branco da Silva; OKUZONO, S.B.P.; [PASSOS, M. P.](#). Participação em banca de Raquel Belém de Andrade. MEMÓRIA FLUMINENSE: redescobertas e experiências do Programa Centros de Memória do Instituto Federal Fluminense. 2024. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

OKUZONO, S.B.P.; MELO, Kelly Castelo Branco da Silva; [PASSOS, M. P.](#). Participação em banca de Luciene Corrêa de Andrade Costa. O SERVIÇO DE REFERÊNCIA NAS BIBLIOTECAS DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO - IFRJ, UM ESTUDO DE CASO. 2024. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Marília, 05 de fevereiro de 2025.

Prezado(a) Professor(a),

Conforme aprovado no Conselho do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, vimos convidá-lo(a) para compor a Comissão Examinadora do Exame Geral de Qualificação de Doutorado de **Rui Manuel Cherene**, sobre **PERSPECTIVA HISTÓRICA E DESAFIOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO EM PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA**. O exame será realizado no dia 27 de fevereiro de 2025, às 14:00 horas, no(a) Via sistemas de videoconferência e outras ferramentas de comunicação a distância.

A Comissão Examinadora será composta pelos seguintes membros:

TITULARES

1. Prof(a). Dr(a). CARLOS CANDIDO DE ALMEIDA (Orientador - Participação Virtual)
Departamento de Ciencia da Informacao / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciencias, Marilia
2. Prof. Dr. MARCOS PAULO DE PASSOS (Participação Virtual)
Departamento de Ciência da Informação / Universidade Estadual de Londrina
3. Prof(a). Dr(a). RODRIGO RABELLO DA SILVA (Participação Virtual)
Departamento de Ciência da Informação / Universidade de Brasília

SUPLENTES

1. Prof(a). Dr(a). FRANCIELE MARQUES REDIGOLO
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação / Universidade Estadual Paulista - UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus Marília
2. Prof. Dr. ROBERTO LOPES DOS SANTOS JUNIOR
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação / Universidade Federal do Pará, Instituto em Ciências Sociais Aplicadas

Atenciosamente,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH)

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)

Mestrado Profissional em Biblioteconomia

DECLARAÇÃO

Declaramos que o Prof. Dr. Marcos Paulo de Passos (UEL) participou, como membro titular externo, da banca de defesa de dissertação de Mestrado intitulada “**Coleção, memória e comunicação científica: o caso dos Anais de Microbiologia**”, apresentado pela mestrandia Luiza Coutinho Arias, regularmente matriculada sob o nº 21218P8MP13. A Banca Examinadora reuniu-se, remotamente, no dia 28 de março de 2024, às 16 horas e 30 minutos, com a participação das docentes Dra. Simone Borges Paiva Okuzono (UNIRIO), na qualidade de membro titular interno, e Dra. Kelly Castelo Branco da Silva Melo (UNIRIO), na qualidade de orientadora.

Rio de Janeiro, 28 de março de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS LUIZ CAVALCANTI DE MIRANDA**
Data: 10/04/2024 10:19:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
PPGB/CCH/UNIRIO
SIAPE 1087938



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH)
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

LIVRO DE ATAS DE DEFESA N° 01
FOLHAS _____

Ata da Sessão de defesa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, apresentado pela mestrandia Luciene Corrêa de Andrade Costa “O Serviço de Referência nas bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, um estudo de caso.”, realizada às 15 horas, do dia 21 de outubro de 2024. A Banca Examinadora foi constituída pelos professores:

- Prof. Dr. Marcos Paulo Passos – UEL;
- Profa. Dra. Kelly Castelo Branco da Silva Melo – UNIRIO;
- Profa. Dra. Simone Borges Paiva Okuzono (orientadora) – UNIRIO.

Após a apresentação do (a) mestrando (a), a Banca procedeu a arguições e apresentou sugestões. A banca, em reunião privada, considerou a dissertação APROVADA, destacando:

A sessão foi encerrada às 17H15 e, eu, Simone Borges Paiva Okuzono, lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e os demais membros da banca.

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2024.

Documento assinado digitalmente



MARCOS PAULO DE PASSOS
Data: 30/10/2024 23:36:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Paulo Passos



Documento assinado digitalmente
KELLY CASTELO BRANCO DA SILVA MELO
Data: 01/11/2024 16:18:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Kelly Castelo Branco da Silva Melo



Documento assinado digitalmente
Simone Borges Paiva Okuzono
Data: 30/10/2024 20:12:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Simone Borges Paiva Okuzono



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH)
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

ATA DO EXAME COMPREENSIVO DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO

MESTRANDA: Raquel Belém de Andrade.

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: “MEMÓRIA FLUMINENSE: redescobertas e experiências do Programa Centros de Memória do IFFluminense”.

DATA DO EXAME: 26.07.2024.

EXAMINADORES:

Profa. Dra. Kelly Castelo Branco da Silva Melo (orientadora);
Profa. Dra. Simone Borges Paiva Okuzono;
Prof. Dr. Marcos Paulo de Passos.

Após avaliarmos a dissertação “MEMÓRIA FLUMINENSE: redescobertas e experiências do Programa Centros de Memória do IFFluminense”, da autoria de Raquel Belém de Andrade, submetida ao exame desta Banca Examinadora no âmbito do curso de Mestrado Profissional oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, os examinadores abaixo assinados decidimos, em sessão privada, que o candidato deve ser considerada aprovada no Exame Compreensivo de Defesa de Trabalho de Conclusão a que se submeteu, em conformidade com os regulamentos deste Programa.

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

O trabalho da aluna foi considerado aprovado. A aluna deverá realizar alguns ajustes, principalmente naquilo que se encontra no resumo e na introdução.
Foi feita a sugestão de que a versão final seja entregue ao IFFluminense em contribuição.

Rio de Janeiro, 26 de julho de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **KELLY CASTELO BRANCO DA SILVA MELO**
Data: 27/07/2024 11:30:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Kelly Castelo Branco da Silva Melo

Documento assinado digitalmente
 **Simone Borges Paiva Okuzono**
Data: 31/07/2024 13:15:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Simone Borges Paiva Okuzono

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS PAULO DE PASSOS**
Data: 29/07/2024 14:11:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Paulo de Passos

DECLARAÇÃO

D E C L A R O, para os devidos fins, que **ELAINE DA SILVA**, na qualidade de orientador do trabalho, **DANIELA PEREIRA DOS REIS** e **MARCOS PAULO DE PASSOS** participaram da Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia do aluno **GABRIELA FOLADOR GIONBELLI**, monografia intitulada: **“Bibliotecas públicas como centros multiculturais de disseminação: um estudo documental da região administrativa de São José do Rio Preto - SP”**, realizada no dia 06 de dezembro de 2024, às 14h30min., na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP - Campus de Marília.

Marília, 06 de dezembro de 2024.



Assinado de forma digital por
Daniela Pereira dos
Reis:24904434889
Dados: 2025.01.10 00:13:30 -03'00'

DANIELA PEREIRA DOS REIS
Coordenador do Conselho de Curso de Biblioteconomia